

**Pequenos  
Artigos  
Sobre a  
Igreja**

HAMILTON SMITH

# CONTEÚDO

1. A Igreja Profeticamente Anunciada: Mt 16:1-18; 18:15-20
2. A Igreja na Existência Real: At 1-9
3. A Igreja nos Conselhos de Deus: Ef 1; 2:1-10
4. A Igreja nos Caminhos de Deus: Ef 2:11-22
5. A Igreja como Administrado por Paulo: Ef 3
6. A Igreja como a Casa de Deus Segundo a Mente de Deus
7. A Igreja como a Casa de Deus nas Mãos dos Homens
8. A Igreja como o Corpo de Cristo (Parte 1)
9. A Igreja como o Corpo de Cristo (Parte 2): 1 Co 12
10. A Igreja em um Dia de Ruína: Tm 2

## **1. A Igreja Profeticamente Anunciada Mt 16:1-18; 18:15-20**

Possivelmente nenhuma Escritura nos dará um sentido tão profundo do valor da Igreja para o coração de Cristo como aquela que nos diz: “Cristo amou a Igreja, e a si mesmo se entregou por ela”. Ele não entregou simplesmente o Seu reino e trono com todos os Seus direitos e glórias terrenos; Ele se entregou a ela. Se, então, Cristo amou a Igreja com tão grande amor, podemos muito bem estar nos mesmos sofrimentos para perguntar: o que é a Igreja, de quem ela é composta, e por que ela é tão preciosa à Sua vista? Quais são os seus privilégios, suas responsabilidades, e qual é o seu destino glorioso?

Além disso, a Igreja é o principal interesse de Cristo na terra – o objeto de todo o procedimento presente de Deus. Durante o período entre a vinda do Espírito Santo no Pentecostes e a vinda de Cristo no arrebatamento, Deus não está tratando diretamente com o mundo, seja Judeu ou Gentio; Ele está tomando um povo para fora do mundo para formar a Igreja para o Céu. Sem pensamentos Bíblicos quanto à verdade do grande mistério acerca de Cristo e a Igreja, não seremos capazes inteligentemente de desfrutar da comunhão cristã, assumir o serviço do Senhor, ou até cumprir os deveres ordinários da vida, já que quando vamos examinar as Epístolas encontraremos que tudo no cristianismo toma o seu caráter de Cristo e a Igreja.

Para começar seria melhor definir o que queremos dizer quando usamos a palavra “igreja”. Ela é usada em tantas conexões diferentes que se tornou um termo excessivamente ambíguo. Contudo, no original não há nenhuma ambigüidade. A palavra grega é usada cento e cinquenta vezes no Novo Testamento. Em três exemplos ela é “a reunião” corretamente traduzida, mas em todos os outros exemplos é traduzida por esta palavra infeliz “igreja”. Na tradução Tyndale do Novo Testamento, a base da Versão Autorizada, a palavra grega é corretamente traduzida pela palavra “congregação”; mas em nossa Versão Autorizada de 1611, o Rei James, por razões políticas, insistiu que a palavra eclesiástica “igreja” devia ser usada, e a Versão Revisada infelizmente conservou a palavra. Na Nova Tradução por J. N. Darby a palavra “assembléia” é usada, e sem dúvida alguma esta é a tradução simples e própria. O contexto deve decidir de quem a assembléia é composta, mas isto não ocasiona nenhuma verdadeira dificuldade, já que no Novo Testamento, com exceção de duas passagens, a palavra invariavelmente se refere à Assembléia de Deus. Seria bom mencionar que ambas essas exceções ocorrem nos Atos dos Apóstolos. No Capítulo 7:38 a palavra “igreja” é usada em relação a Israel. Ela deveria ser traduzida como “assembléia”, e naturalmente se refere à congregação de Israel no deserto, e não tem nenhuma relação com a Assembléia de Deus do Novo Testamento. Outra ocorrência está em Atos 19, onde a palavra “assembléia” é usada três vezes, e se refere, como mostra o contexto, a uma reunião de pessoas pagãs.

Ao utilizar, então, a palavra “igreja”, sempre deve ser entendida significar uma assembléia de pessoas, e a assembléia da qual falamos é a Assembléia de Deus.

Com essas observações preliminares podemos abrir agora em Mateus 16.

Nessa importante passagem temos a primeira revelação acerca da Igreja. A Pessoa de Cristo é apresentada como a prova de que o sistema judaico estava prestes a desaparecer e como o fundamento da nova estrutura que Cristo estava prestes a edificar – a Sua Assembléia, a Igreja.

Uma grande crise havia alcançado o caminho do Senhor. O testemunho mais perfeito do Messias havia sido dado no meio de Israel. Os sinais tinham sido dados, os milagres tinham sido executados, e as profecias tinham sido realizadas. A perfeição moral mais elevada, em palavra e vida, tinha sido exposta diante dos homens, acompanhadas por amor, graça, e compaixão. Isso foi abundante para todos, sem distinção ou limite. Mas tudo foi em vão. A incredulidade, o desprezo, a hostilidade mortal dos líderes aumentou em cada nova exposição da graça. Resumidamente, tudo é conduzido a um ponto pela grande pergunta de prova: “Quem os homens dizem ser o Filho do Homem?” Alguns disseram “João Batista; alguns: Elias; e outros: Jeremias, ou um dos profetas” (versos 13, 14).

A resposta mostra que, apesar de um testemunho perfeito, os homens só puderam adiantar opiniões inúteis e especulações que os deixaram em desesperada incerteza. O fato de que os homens estão contentes de especular sobre Cristo, e querendo a permanecer na incerteza, é uma prova solene de que eles não têm nenhum sentimento da necessidade de um lado e nenhuma fé no outro. Com um sentimento de necessidade, teriam tido discernimento, e com a fé, teriam obtido a certeza. Além disso, com todas as suas especulações, nunca se aproximaram da verdade. Isso demonstra a incapacidade completa do homem, como tal, de discernir a glória de Cristo, mesmo nas circunstâncias mais favoráveis e na presença do próprio Filho de Deus.

Nos versos iniciais do capítulo, esta incredulidade chega a um ponto crucial. Os Fariseus e Saduceus, que cordialmente odiavam uns aos outros, estavam unidos em um ódio ainda maior de Cristo. Os ritualistas e racionalistas daqueles dias juntaram as mãos para tentar o Filho de Deus, e ambos revelaram sua cegueira completa para a glória da Sua Pessoa pedindo um sinal do céu (verso 1). Como alguém bem disse: “Tal é a incredulidade, que se pode entrar na presença da manifestação plena de Deus, se pode fitar uma luz mais brilhante do que o sol do meio-dia, e ali mesmo pedir a Deus para dar uma vela”. Nada pode trazer mais claramente a rejeição completa deles a Cristo do que este pedido de um sinal. Eles tinham rejeitado a Cristo e, agora, depois de uma paciência longânima, são rejeitados por Cristo. Eles são uma geração má e adúltera para quem há um só sinal – o sinal de Jonas, que fala do juízo iminente. O Senhor expôs o caráter deles, pronunciou a sorte deles, e os deixou e partiu (verso 4). Momento solene para Israel! O Senhor da glória estava ali; o Deus que fez o céu e a terra estava no meio deles cheio de graça e de verdade, mas as trevas não O compreenderam. Ele começou Seu ministério de amor e graça vindo e vivendo na terra de Naftali, para que se pudesse dizer: “O povo que andava em trevas viu uma grande luz; e sobre os que habitavam na terra de profunda escuridão resplandeceu a luz”. Mas as trevas não podem compreender a luz; a maldade desprezou Sua bondade, e o ódio lançou para trás Seu amor. Por isso lemos estas tristes e solenes palavras: “Ele os deixou e partiu”. Ele os deixou nas trevas e sob a sombra da morte.

Mas a maldade do homem esgota a graça de Deus? Nunca! Ao contrário ela se torna a ocasião da revelação dos conselhos mais profundos do Seu coração e dos ainda maiores objetivos da graça. A rejeição de Israel abriu caminho para a revelação da Igreja. Tinha chegado o momento em que a primeira insinuação desse grande segredo, até aqui escondido em Deus, devia ser entregue.

A pergunta que tinha testado todos os homens foi então aproveitada para os discípulos: “Quem vós dizeis que eu sou?” (verso 15). Imediatamente Simão Pedro respondeu: “Tu é o Cristo, o Filho de Deus vivo”. Quão diferente foi esta resposta das vãs opiniões dos homens. A fé de Pedro de fato pode ter sido débil – pois o Senhor acabava de

dizer: “Homens de pouca de fé”, mas esta era uma fé viva, uma fé que discerniu a glória da Pessoa de Cristo e O confessou com a máxima certeza.

Imediatamente depois dessa confissão temos a revelação da Igreja. O Senhor levanta o véu que através das eras tinha escondido nos eternos conselhos de Deus e em uma breve sentença mostra que a glória da Sua Pessoa como o Filho de Deus envolve profundezas muito além de um domínio terreno, não obstante glorioso.

“Bem-aventurado és tu”, respondeu o Senhor a Simão Barjona, “não to revelou a carne e o sangue, mas o Meu Pai que está no céu. Pois Eu também te digo que tu és Pedro, e sobre esta Rocha edificarei a minha Igreja; e as portas do hades não prevalecerão contra ela” (versos 17, 18). Aqui, então, temos uma dupla revelação. Primeiro a revelação pelo Pai. A carne e o sangue, como vimos, não podem discernir a glória do Messias. Somente por uma revelação do Pai no Céu foi possível para um homem na terra discernir que Cristo era o Filho de Deus vivo – um título que implica que o Filho é Alguém em quem está a vida e o poder vivificante. Foi bem dito que como o Filho de Deus vivo, “Ele possui este poder da vida em Deus a qual nada pode vencer ou destruir”.

Mas então imediatamente segue uma segunda revelação – a revelação pelo Filho – pois o Senhor diz: “E eu também te digo”. O Pai tinha revelado a glória do Filho a Simão Pedro, e baseado na confissão que segue esta revelação, o Filho também revela a Pedro o grande segredo, nunca antes tornado conhecido ao homem, que sobre esta rocha o Senhor ia edificar uma estrutura inteiramente nova que Ele chama “Minha Assembléia”. Aqui, então, temos a fundação da Igreja. Ela é levantada sobre uma sólida e Divina fundação – a Pessoa do Filho de Deus vivo.

Aqui de fato estão as verdades que a carne e o sangue não podem revelar. Quando Deus está comunicando a lei, Moisés e os anjos são iguais para a ocasião; mas quando é a glória do Filho e os conselhos de Deus quanto à Igreja, a Revelação deve vir, em primeiro lugar, do Pai e do Filho. Passamos por uma região onde a carne e o sangue, como tais, não podem se comunicar nem receber.

Além disso, vemos o propósito da Igreja. Ela é trazida a existência para a glória e o deleite de Cristo. Aprendemos no início que a Igreja é de Cristo. Ele pode dizer que ela é “a Minha Assembléia”. O primeiro grande pensamento é, não que Cristo é para a Igreja, mas que a Igreja é para Cristo. A noiva em Cantares, pensando primeiro em sua própria necessidade, exclama: “O meu Amado é meu”; mas finalmente ela é conduzida a ver tudo do ponto de vista do Noivo, e logo, com grande deleite, pode dizer: “Eu sou do meu Amado, e Ele me tem afeição”. Aqui, também, nessa primeira grande revelação da Igreja, tudo é visto desde Cristo como o centro. O Pai começa com a Sua glória, e a Igreja é vista quanto a Ele – A Sua Assembléia.

Além disso, aprendemos algo sobre a estrutura da Igreja. Ela deve ser construída com pedras vivas, Pedro é considerado como uma das pedras. Naquele dia agitado quando André correu ao encontro de seu próprio irmão Simão e “o trouxe a Jesus”, o Senhor anunciou que Simão devia usar um novo nome, que devia ser chamado de Cefas, que é por interpretação, uma pedra. Cristo como o Filho de Deus vivo era a Rocha sobre a qual a Igreja é construída; Pedro era uma pedra, recebendo a sua vida de Cristo, e destinado a ser incorporado a esta nova Estrutura.

Somos ainda instruídos quanto ao edifício da Igreja. No momento desta revelação a Igreja ainda era futura, já que o Senhor disse: “Eu edificarei”. Além disso, a obra seria inteiramente de Cristo, e por isso inteiramente perfeita pois o Senhor disse: “Eu edificarei”.

Nenhuma madeira, feno, ou palha seria edificada como a Assembléia de Cristo – nada além de pedras vivas teria um lugar no Edifício de Cristo.

Por esta razão o Senhor pode fazer esta seguinte grande declaração de que contra Sua Igreja “as portas do hades não prevalecerão”.

Isto fala da estabilidade da Igreja. As portas do hades significam o poder da morte controlada por Satanás. Através do pecado o homem passou a estar sob o domínio da morte, um poder terrível que coloca a glória do homem no pó. Mas no mesmo mundo onde nada resistiu ao poder da morte, o Senhor prediz que finalmente estabelecerá a Sua Igreja sobre a qual as portas do hades não terão nenhum poder; e isto irá acontecer porque ela está fundamentada no Filho de Deus vivo. Tudo o demais neste mundo foi fundamentado em Adão – um homem morto – e nos filhos mortos de homens que morrem. Mas nada pode vencer o poder da vida em Deus, se aquela vida está em Deus, em Cristo, ou naqueles a quem Ele comunica a vida. A Assembléia de Cristo é composta de pedras vivas, não de homens mortos. Ela é construída sobre Cristo, Aquele que possui uma vida que nada pode destruir, e edificada com pedras que possuem esta vida e por isso é superior a todo o poder da morte.

O Filho de Deus vivo é o fundamento eterno da Igreja. Por esta razão não pode haver nenhuma compreensão verdadeira da Igreja até que a glória do Filho seja vista e confessada, e quanto mais compreendemos Sua glória mais apreciaremos o caráter único da Igreja.

Nesta passagem introdutória temos a revelação da Igreja; somos instruídos quanto ao fundamento sobre o qual a Igreja é edificada, o propósito para o qual ela é edificada, o caráter daqueles que compõem o Edifício, Aquele que constrói e a eterna estabilidade desta nova e divina Estrutura.

Não há nenhuma palavra até agora sobre o Corpo de Cristo ou a Noiva de Cristo. Nada é dito sobre a exaltação de Cristo ou da vinda do Espírito. Todas estas grandes verdades tão vitais à formação da Igreja serão reveladas no devido tempo, mas nessa primeira comunicação a vida é o grande pensamento: a vida no Deus vivo, a vida no Filho, e a vida comunicada àqueles que compõem a Igreja: a vida contra a qual o poder da morte não pode prevalecer.

No devido tempo Pedro revelará para nós outras e preciosas verdades sobre a Assembléia de Cristo. Ele nos dirá como o Edifício cresce, como as pedras vivas são atraídas a Cristo a Pedra Viva, e para que grande fim somos edificados como uma Casa espiritual. João, também, de sua prisão na ilha nos transmitirá uma visão da Assembléia quando a última pedra for acrescentada e o Edifício for exposto em glória como a Nova Jerusalém. Então, finalmente, será visto que muito embora elaborada no tempo, a Igreja de Cristo é destinada à eternidade, e muito embora edificada sobre a terra, será apresentada no céu.

Há uma outra passagem em Mateus na qual o Senhor se refere à Assembléia. Em Mateus 18:15-20 aprendemos duas verdades de imensa importância para a Assembléia. Primeiro o Senhor nos instrui como o mal pode ser excluído da Assembléia e segundo, como a Sua presença pode ser assegurada na Assembléia.

A Assembléia está passando por um mundo mau, e enquanto estiver na terra, a carne permanece naqueles que compõem a Assembléia; por esta razão na terra as ofensas virão, e até um irmão pode ofender a outro irmão. Mas o Senhor nos instrui como tratar com o ofensor. Se ele se recusar a ouvir a Assembléia, isso pode até conduzir a que o seu pecado seja ligado a ele e a sua exclusão da companhia do povo do Senhor na terra; e se ele

se arrepende, o seu pecado pode ser desligado dele pela sua recepção mais uma vez entre o povo do Senhor. Esta ação solene na terra de ligar e desligar – se justamente tomada – é ratificada no Céu. Nas epístolas aos coríntios vemos um exemplo solene de ambas as ações.

Mas muitas dificuldades surgirão as quais não temos nem sabedoria nem poder em nós para enfrentá-las. Mas temos um recurso; podemos nos voltar ao Pai em oração, e o Senhor nos assegura: “Que se dois de vós concordarem na terra acerca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será feito por Meu Pai, que está no céu”. Aqui temos duas afirmações à primeira vista tão surpreendentes que bem podemos perguntar, como essas coisas podem ser? Como pode ser que os atos na terra sejam ratificados no céu, e que os pedidos na terra sejam concedidos pelo céu? O que é que torna possíveis tais coisas? Uma coisa apenas, a presença do Senhor no meio do Seu povo quando reunido em Seu Nome. “Porque”, diz o Senhor, “onde estiverem dois ou três reunidos em meu Nome, aí estou Eu no meio deles”. Ele está presente para confirmar os atos deles. Ele está presente para guiar e responder as orações deles.

A Sua presença, contudo, só é prometida a dois ou três reunidos em Seu Nome. O que essas palavras significam? Primeiro a promessa é dada a “dois ou três”, palavras que, naturalmente, se aplicaram ao dia mais brilhante da história da Igreja, mas se adaptam tão abençoadamente a um dia de fraqueza quando os números dos reunidos em Seu Nome em algum dado lugar podem ser reduzidos ao menor número possível.

Então “os dois ou três” não estão apenas juntos; eles estão “reunidos” juntos. Isso envolve um poder que une. Há algo que os junta; qual é ele? Ele é a compreensão do que o Seu Nome promove, já que nos reunimos em Seu Nome, não “no Seu Nome”, como temos em nossa versão, que significaria simplesmente que nos reunimos pela Sua autoridade. O Seu nome exprime tudo o que Ele é, e é a nossa compreensão mútua Dele na glória da Sua Pessoa que nos une. Somos ajuntados pelo que encontramos Nele. Ele é a ligação poderosa e toda suficiente. Pode haver grandes diferenças de idade, posição social, educação, nacionalidade, inteligência, crescimento espiritual, e presente, mas nenhuma dessas coisas forma a ligação da Assembléia. A Assembléia não é uma reunião de pessoas jovens, ou de santos velhos, ou de pessoas de mesma opinião, mas de um povo que é unido pelo que descobriram em Cristo quando estabelecidos em Seu Nome. A Assembléia não tem nenhuma outra ligação, recusa todas outras ligações, e, se reunindo assim, o Senhor promete estar no meio, mesmo se forem apenas dois ou três que estejam assim reunidos.

Não nos reunimos com Ele, mas em Seu Nome. A passagem distingue entre Ele e o Seu Nome. Reunir-se em Seu Nome supõe a Sua ausência, mas garante a Sua presença. Em tal reunião Ele está realmente presente, não de fato em pessoa, mas em Espírito. Quando na terra Ele pode falar Dele mesmo como o Filho do Homem que está no céu; em pessoa na terra, mas em Espírito em céu. Agora Ele é o Filho do Homem no céu, mas em Espírito na terra no meio do Seu povo quando reunido em Seu Nome. Ele está presente para dar a sanção ao processo de disciplina e tornar efetiva as orações do Seu povo.

## 2. A Igreja na Existência Real

### At 1-9

Na investigação dos pensamentos de Deus sobre a Igreja, como revelado em Sua Palavra, encontraremos que os primeiros capítulos de Atos nos conduzem a um estágio à diante de Mateus 16. Lá a Igreja é profeticamente anunciada. Aqui ela é formada e vista na existência real. Mas ela não é ainda o assunto do ensinamento do Espírito; por isso o momento ainda não tinha chegado, nem foi o homem ainda chamado para que fosse o vaso escolhido para revelar o mistério de Cristo e a Igreja.

A morte de Cristo é a base de toda a bênção para os homens, seja para os santos dos dias do Velho Testamento, ou para aqueles que compõem a Igreja, ou para a Israel restaurada na era por vir. Mas a formação da Igreja esperou dois outros eventos de imensa importância. Cristo ressuscitado deve ascender como um Homem na glória, e o Espírito Santo – a Pessoa Divina – deve vir à terra. O Homem na glória e o Espírito Santo habitando na terra são os dois grandes fatos distintos do período cristão. Eles não tiveram nenhuma existência nas eras passadas, e não serão marcantes nas eras que devem vir; eles dão todo o caráter ao presente momento.

No primeiro capítulo de Atos vemos o cumprimento do primeiro grande evento. Aqui os discípulos recebem as últimas instruções do Senhor ressurreto, e “enquanto olhavam, Ele foi elevado às alturas, e uma nuvem O recebeu ocultando-O aos seus olhos”. Cristo como um Homem foi recebido em cima na glória. Certamente, ao dizer assim nunca devemos nos esquecer de que Ele é uma Pessoa Divina “sobre tudo, o abençoe Deus para sempre”. Mas ainda é como Homem que Ele subiu ao Céu, e como o Filho do Homem foi visto no céu pelo mártir, Tiago.

No segundo capítulo de Atos temos o cumprimento do segundo grande evento. O Espírito Santo foi recebido na terra segundo aquela palavra em João 7:39, que conecta a Sua vinda com a glória de Cristo. Os discípulos estavam “todos reunidos em um lugar” esperando, segundo a palavra do Senhor, pelo batismo do Espírito Santo. Enquanto eles esperavam, o Espírito Santo veio “do céu” e encheu toda a casa onde estavam, e não apenas isso, mas cada indivíduo foi cheio do Espírito Santo. Assim em um Espírito foram “todos batizados em um corpo” (1 Co 12:13). Aqui, então, “um corpo” se tornou um fato real: aquele corpo do qual Cristo é o Cabeça no Céu, e os crentes, os membros na terra. O fato ainda não era revelado, e dificilmente poderia ser, já que o corpo é composto de crentes judeus e gentios e por isso a revelação da verdade não foi dada até que os crentes gentios tivessem sido batizados no corpo pelo Espírito Santo. (Ver Atos 10;11: 16).

Em seguida do batismo no Espírito, um grande número de judeus e prosélitos foi convencido, acreditaram em Cristo, foram batizados, receberam o perdão dos pecados e o dom do Espírito Santo. Além disso, lemos, “no mesmo dia foram acrescentadas aproximadamente três mil almas” (verso 41). Então o último verso do capítulo nos diz quem os acrescentou e a que foram acrescentados. Foi o Próprio Senhor que os acrescentou, e foi à Igreja que foram acrescentados. Pela primeira vez nos é permitido ver o Senhor formando a Sua Igreja segundo o Seu próprio anúncio profético em Mateus 16. “Eu edificarei a Minha Igreja”. As palavras finais do verso, “aqueles que se haviam de salvar”, não sugerem que eles eram incrédulos ou que eram acrescentados para serem salvos. A nação, tendo rejeitado Cristo, continuava sob julgamento, mas aqueles que creram e foram



batizados foram salvos daquele juízo, e assim o Senhor acrescentava à Igreja. Eles foram acrescentados ao Senhor antes que fossem acrescentados à Igreja. Insistir nisso é de grande importância, porque o catolicismo, e aqueles que seguem o catolicismo, ligam a salvação ao ser da Igreja, em vez de fazer da Igreja a assembléia daqueles que são salvos. Somente crentes no começo do capítulo foram constituídos em Igreja pelo batismo do Espírito Sagrado, e somente crentes no final do capítulo foram acrescentados à Igreja pelo Senhor.

Aqui, então, a Igreja é vista na existência real. “Todo os que criam estavam juntos” (verso 44). Assim vemos o cumprimento daquela palavra dita por Caiafás acerca de Cristo quando disse: “Ele reunirá em um os filhos de Deus que estão dispersos”. É verdadeiro o que foi dito: ‘Houve de fato filhos de Deus antes daquele tempo, mas estavam espalhados, estavam isolados. Cristo pela Sua morte os reuniu, não meramente para salvá-los, para que pudessem estar juntos no céu (já que eram os filhos de Deus, que já os fez), mas que Ele deveria reuni-los em um’. Isto era algo inteiramente novo sobre a terra. Não era algo novo para os filhos de Deus sobreviverem na terra. Não era algo novo o viajarem para o céu. Era verdade no dia de Enoque, e no dia de Jó, e por todos os dias antigos, contudo era vagamente conhecido. Mas que os filhos de Deus deveriam ser reunidos em um era uma coisa inteiramente nova. E esta é a verdade que o povo de Deus ainda é tão lento em compreender. Pensamos em nós como santos isolados, como se vivêssemos antes da cruz. Ao sermos salvos, temos a tendência de pensar que é deixado para nós, segundo o melhor de nossa capacidade, escolher a que “igreja” nos juntaremos ou se no juntaremos a alguma. Mas neste pensamento não conseguimos ver que, se tivermos vindo ao Senhor, Ele já nos acrescentou à Igreja, e assim não pode haver nenhuma razão para permanecer no isolamento por um lado, ou de se juntar a uma igreja por outro. O próprio pensamento de se juntar a “uma” igreja denuncia a ignorância da verdade sobre “a” Igreja.

Além disso, os santos não apenas foram juntados em um, mas por estarem juntos, Deus faz ampla provisão para que possam continuar juntos em uma unidade visível.

Em primeiro lugar, temos os ensinamentos dos apóstolos, pelo qual os santos foram conduzidos a toda a verdade de Deus e instruídos na mente de Deus quanto ao caminho deles na terra. Esta instrução, dada oralmente no início, foi mais tarde assegurada aos santos para sempre nas inspiradas Epístolas.

Em segundo lugar, fluindo dos ensinamentos dos apóstolos, temos a comunhão dos apóstolos. Esta, como sabemos, é a comunhão para a qual todos os cristãos são chamados – a comunhão do Filho de Deus, Jesus Cristo o nosso Senhor. O Filho de Deus é o centro e o objeto desta comunhão.

Em terceiro lugar, a comunhão dos apóstolos leva ao partir do pão, a expressão formal e mais elevada da comunhão, a qual traz à lembrança a morte de Cristo pela qual os filhos de Deus foram inteiramente separados do mundo e reunidos em um.

Finalmente, a oração, pela qual, como santos, somos guardados na atitude da dependência de Deus, reconhecendo que a Sua graça está disponível para nós, e que constantemente temos de vir corajosamente ao trono da graça para que possamos receber misericórdia e encontrarmos graça para nos ajudar no tempo da necessidade.

Infelizmente, a provisão de Deus foi quase inteiramente negligenciada, e esta é a razão da condição dividida e espalhada do povo de Deus. A cristandade deixou de lado basicamente a doutrina dos apóstolos pela sua própria tradição; formou “comunhões” em volta de homens dotados, ou determinadas visões, ao em vês do Filho de Deus; perverteu o partir do pão de uma ceia de lembrança para uma forma cerimonial da graça; e transformou a oração em mera formalidade. Contudo, nos primeiros dias de Atos, os crentes

“continuamente perseveravam” na doutrina dos apóstolos, na comunhão, no partir do pão e na oração; e enquanto continuaram assim permaneceram juntos em uma unidade visível.

Vimos assim no segundo capítulo de Atos como o próprio Senhor edifica a Sua Igreja com pedras vivas sobre a Rocha. Mas tudo isso se realiza na terra; não há até agora nenhuma insinuação do caráter celestial da assembléia ou do seu destino glorioso nos desígnios de Deus. Não há uma palavra por enquanto da união do corpo na terra com o Cabeça no Céu. A “união” é ainda um segredo a ser aberto no devido tempo, mas o que é manifesto nesses primeiros capítulos de Atos é a “unidade”. Não necessariamente uma unidade material, mas uma unidade moral, marcada por alegria e simplicidade de coração. Ali permaneceu um evento a ser cumprido antes que o pleno caráter celestial e a chamada da Igreja pudessem ser revelados. O cálice da culpa de Israel deve ser cheio até borda. A nação já tinha rejeitado e crucificado o seu Messias; mas agora o Espírito Santo tinha vindo, com a última oferta à nação culpada. Eles resistirão ao Espírito como já tinham rejeitado o Messias?

Quando o Senhor ascendeu, como registrado em Atos 1, os discípulos “olharam firmemente em direção ao céu enquanto Ele subiu”. Imediatamente dois anjos se puseram diante deles, e disseram: “Por que estais olhando para o céu? Esse mesmo Jesus, que é recebido em cima no céu, há de vir de maneira semelhante”. Os anjos voltaram o olhar deles fixos no céu, para o Cristo que tinha ido, em direção a terra para a qual Ele virá. A princípio poderíamos nos admirar disso. Era de fato uma coisa correta olhar para o céu onde Cristo está? Sim, na ocasião devida será correto, mas o momento ainda não tinha chegado para levantar os olhos. E quando ouvimos Pedro pregando à nação, podemos entender por que os pensamentos dos discípulos deveriam permanecer durante algum tempo na terra. Pois, diz Pedro à nação culpada: “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, de sorte que venham os tempos de refrigério, da presença do Senhor, e ele envie o Cristo, que já dantes vos foi pregado” (At 3: 19, 20). Esta foi a última mensagem na graça para a nação culpada, proclamada pelo Espírito Santo vinda do Cristo ressurreto. Se eles se arrependerem, Jesus voltará à terra. Como resultado recusaram completamente este testemunho do Espírito Santo. Eles tinham sido os traidores e os assassinos do próprio Messias deles. O Espírito Santo (não tendo tomado um corpo) não puderam assassinar, mas podem assassinar o homem que é cheio do Espírito Santo, e isso eles fazem apedrejando a testemunha, Estevão.

A rejeição pela nação desta oferta final da graça ocasiona uma modificação total na dispensação. Depois disso tudo está por conta deles, e o centro da ocupação de Deus passa da terra para o céu. Em harmonia com esta modificação Estevão, que está cheio do Espírito Santo, olha firmemente para o céu, e nenhum anjo se coloca para perguntar por que olhava para cima. O tempo de Deus chegou para que o Seu povo olhe em direção oposta a terra para o céu. E ele não apenas levanta os olhos, mas o seu espírito é recebido em cima. O primeiro da longa lista de mártires é recebido no céu. Agora o povo de Deus não pertence mais a terra na qual Cristo foi rejeitado, mas ao céu onde Cristo foi recebido. O céu é a casa deles, e Cristo está lá para recebê-los naquela casa. Se o mundo não terá Cristo, ele não é o lugar para o Seu povo, e se o céu recebeu a Cristo, então um novo lugar é aberto para o Seu povo, e naquele novo lugar Ele os recebe.

Atos 7 é um grande ponto decisivo nos caminhos de Deus. Desde o momento em que o testemunho de Estevão é rejeitado, as grandes características da dispensação vêm proeminentemente à tona. Na cena final deste capítulo, todas as pessoas e todas as coisas são reveladas segundo o caráter verdadeiro da dispensação cristã. A nação culpada de Israel

é vista em sua rejeição absoluta a Cristo e sua inveterada resistência ao Espírito Santo. O mundo é visto em seu verdadeiro caráter como o rejeitador de Cristo e o perseguidor dos Seus santos. O céu é visto violentamente aberto para revelar Cristo na glória, para receber aos santos. Cristo é visto como o Homem na glória que apóia os Seus santos tentados na terra e os recebe no Céu quando adormecem. O Espírito Santo é visto como uma Pessoa Divina na terra, enchendo um homem na terra e levando-o a levantar os olhos firmemente para Cristo no céu. E por fim, este santo cheio do Espírito é apresentado como um homem na terra que retira todos os seus recursos do Homem na glória, e fazendo assim se torna mudado à Sua semelhança de glória em glória, de tal maneira que, como o seu Mestre, ele ora pelos seus assassinos e entrega o seu espírito ao Senhor. Para que assim como um homem na terra é apoiado pelo Homem na glória, o Homem na glória seja representado por um homem na terra. Tendo combatido o bom combate e terminado a sua carreira, o alegre espírito de Estevão parte para estar com Cristo, enquanto seu pobre e quebrado corpo adormece para esperar uma ressurreição gloriosa.

Desde depois do apedrejamento de Estevão, o mundo tem sido verdadeiro em seu caráter. Ele rejeitou a Cristo desde então e perseguiu aos santos desde então, fez assim desde então em diferentes medidas e graus. Ele pode ser religioso – ele o era então, e o é agora – mas a religião não muda o seu caráter. Na realidade, quanto maior for a religião do mundo, mais intenso é o seu ódio e mais implacável a sua perseguição aos santos. Deixe a história testemunhar a sua hostilidade invariável a Cristo e ao Seu povo. O céu, também, não mudou sua atitude para com o povo de Deus. Esteve aberto então e ainda está aberto. Por aquela porta aberta ainda podemos contemplar a glória onde Jesus está, e o amor de Cristo ainda jorrando sobre os Seus santos. Então realmente com Cristo não há nenhuma mudança. Podemos levantar os olhos e dizer, “Tu permaneces” e “Tu és o mesmo”. Toda a graça, o poder e a sabedoria do Homem na glória são ainda tão disponíveis para o sustento de Seu povo como quando Estevão foi tão abençoadamente sustentado em seu martírio. Com o Espírito Santo, também, não há nenhuma mudança. Ele veio de Cristo na glória para nos conduzir a Cristo na glória. E essa ainda é a forma Dele agir. Mas quanto os crentes protelaram! Quão pouco nos mantemos autênticos ao nosso caráter como santos. Quanto temos afligido o Espírito, e assim, ao em vês de olharmos firmemente para o céu, olhamos para a terra. Nos tornamos terrestres, se não mundanos. Conseqüentemente, o suporte do Senhor tem sido pouco recebido e o poder do Espírito muito pouco manifestado, por isso é que temos sido representantes muito pobres do Homem na glória.

Mas apesar de todo o fracasso, o quadro em Atos 7 permanece em toda a sua excelente beleza para reconduzir o nosso coração ao verdadeiro caráter da dispensação. Mas ele faz mais; prepara o caminho do ministério de Paulo com a sua rica revelação de que a Igreja é um corpo com Cristo, o Cabeça ressuscitado, no céu.

Na história de Estevão seguramente aprendemos que os discípulos do Cristo ressuscitado pertencem ao céu. Mas na história da conversão de Paulo em Atos 9, aprendemos, não só que os santos pertencem ao céu, mas que os santos na terra estão unidos a Cristo no céu. Quando Saulo viajou em seu caminho para Damasco “respirando ameaça e matança contra os discípulos do Senhor”, foi lançado à terra por uma luz do céu e ouviu a voz de Cristo na glória que disse a ele: “Saulo, Saulo, por que persegues a Mim?” A voz não disse: “aos Meus”, nem mesmo “a nós”, mas “a Mim.” “Aos Meus” conteria uma companhia de pessoas que pertencem a Cristo, isso de fato é verdade, mas não toda a verdade. “A nós” conteria uma companhia de pessoas associadas a Cristo, o que também é

verdade, mas não a verdade completa. “A Mim” implica uma companhia de pessoas em unidade com Cristo, e de forma tão íntima que tocá-los é também tocar a Cristo.

O martírio de Estevão e a perseguição continuam a apresentar o mundo em seu verdadeiro caráter como um perseguidor dos santos, mas na conversão de Saulo aprendemos a nova verdade de que na perseguição aos santos o mundo está perseguindo a Cristo. A Igreja é uma com Cristo no céu, e Ele é perseguido em Seus membros. Isso, como foi dito, é ‘a mais forte expressão de nossa união com Ele – que Ele considera o membro mais fraco de Seu corpo como parte Dele mesmo’. Em Atos 2 e 4 os santos foram unidos “em um coração” e “uma alma” apresentando uma bela expressão de unidade, mas aqui é revelada a verdade mais profunda da união íntima deles com Cristo, o Cabeça deles exaltado no céu, e de uns com os outros como membros do Seu corpo na terra.

Israel, tendo crucificado o Messias, rejeitado a Cristo na glória, e resistido ao Espírito Santo na terra, é inteiramente deixada de lado por enquanto, enquanto a Igreja, formada na terra mas destinada à glória, se torna a testemunha de Deus no mundo. Paulo foi o vaso escolhido para revelar através do ensinamento divino em suas epístolas as grandes verdades acerca de Cristo e a Igreja.

### **3. A Igreja nos Conselhos de Deus** **Ef 1; 2:1-10**

Em Mateus 16 temos o anúncio profético da Igreja pelo próprio Senhor; em Atos temos o relato histórico da formação da Igreja pelo ministério dos apóstolos; e nas Epístolas, o ensino Divino quanto à Igreja pelo Espírito Santo. A Epístola ao Efésios apresenta este ensino em sua maior plenitude.

O capítulo 1 apresenta os conselhos de Deus com respeito a Cristo e a Igreja. Somos levados para antes da fundação do mundo para traçar a fonte de todas as nossas bênçãos no propósito eterno de Deus; somos transportados para a plenitude dos tempos, para ali ver a herança da glória quando todos os conselhos de Deus serão cumpridos. Em Efésios 2:1-10 temos a obra de Deus em nós, em vista dos Seus conselhos para nós, pelo qual Ele vivifica as almas mortas, as levanta juntamente com Cristo, e as senta em Cristo nos lugares celestiais.

Em Efésios 2:11-22 temos os caminhos de Deus conosco no tempo para realizar os Seus conselhos por nós na eternidade. Há o que Deus propôs para nós, o que Deus opera em nós, e o que o Deus faz conosco. Ele opera em nós para que possamos ser vivificados juntamente com Cristo; Ele opera conosco para que possamos ser congregados em um Corpo, adequadamente moldados juntos em um templo santo no Senhor, e edificamos juntos para a habitação de Deus através do Espírito.

Podemos, contudo, entender prontamente que a epístola deve necessariamente começar com a revelação do propósito de Deus; pois a menos que conheçamos os Seus propósitos para a eternidade, não entenderemos os Seus caminhos no tempo. Poderíamos bem ser confundidos pela forma com que um pai treina o seu filho até que aprendêssemos o propósito final do pai para o filho. Limitando então os nossos pensamentos à primeira parte da epístola (Ef 2:1-10), vemos a Igreja apresentada com relação aos conselhos e a obra de Deus. A obra do homem e as responsabilidades do homem não têm nenhum lugar nesta passagem. Tudo é deliberado por Deus, e tudo é executado por Deus: e, sendo de Deus, tudo é perfeito.

Os versos 3-7 abrem os conselhos de Deus para os Seus santos individualmente – aqueles que compõem a Igreja. Nessa grande passagem vemos o caráter das nossas bênçãos, a fonte das nossas bênçãos, o fim que Deus tem em vista, e os meios pelos quais aquele fim é conseguido. Quanto ao caráter das nossas bênçãos, é importante lembrar que elas são espirituais, e celestiais, e em Cristo, já que somos tão propensos a procurar bênçãos que são materiais, e terrena, e em conexão com Adão. A compreensão do verdadeiro caráter das nossas bênçãos poderia ter um imenso efeito sobre o nosso testemunho. Qual é o objetivo da grande maioria dos assim chamados ministros de hoje? Não é, na maioria das vezes, fazer crentes morais e não espiritual, melhorar a sua posição terrena e não chamá-los para fora do mundo para o céu, e melhorar o primeiro homem mais do que guiá-lo para a nova posição em Cristo? Deus forma o nosso caráter e testemunho nos instruindo no verdadeiro caráter das nossas bênçãos e nos conduzindo para o gozo delas.

Quanto à fonte de todas as nossas bênçãos lemos: “o Deus e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo... nos escolheu Nele antes da fundação do mundo”. Todas as nossas bênçãos têm a sua fonte nos conselhos do coração do Pai. Descobrimos que o Seu coração foi colocado sobre nós antes da fundação do mundo. E Ele se alegra em que o saibamos; e amando ao Pai, consideramos um dos nossos mais elevados privilégios que Ele tenha nos

revelado os segredos do Seu coração. Escolhido Nele antes da fundação do mundo implica uma escolha que é independente da cena da criação. Por isso o propósito de Deus para nós não pode depender de nada que fizemos ou podemos fazer. Nos encontramos em um mundo de tristeza e tentação, de oposição e perseguição, mas o propósito de Deus não pode ser alterado por nada do que somos chamados para passar hoje. O diabo tentaria usar as dificuldades do caminho para suscitar em nosso coração a desconfiança de Deus e colocar em questão a realidade do Seu amor. Mas aqui nos é permitido ver que o amor do Pai está por trás de tudo, e que, antes da fundação do mundo, Ele colocou o Seu amor sobre nós em vista de nossa bênção eterna quando o mundo não existirá mais. Como isso estabiliza a alma em sua jornada pelo mundo, para que nada do que acontece nos caminhos de Deus hoje possa tocar os conselhos de amor que foram estabelecidos na eternidade e para a eternidade.

Além disso, não somos apenas conduzidos de volta para antes da fundação do mundo para encontrarmos a fonte de toda a nossa bênção no coração de Deus, mas somos conduzidos em espírito para vermos o fim dos conselhos de todo o Deus na glória. Assim aprendemos que o Deus tinha proposto ter os santos diante Dele em uma condição que seja adequada a Ele: “santa e sem culpa diante Dele em amor” – santa em caráter, sem culpa em conduta, e em amor quanto à natureza. Nada menos se ajustaria ao coração de Deus; pois se Deus deve ter um povo diante Dele em uma condição ajustada a Ele, deve ser em uma condição na qual eles se pareçam com Ele. Somente aquilo que é semelhante a Deus é ajustado a Deus. Deus é santo no caráter, sem culpa em todos os Seus caminhos, e amor em Sua natureza. E nesta condição Ele se propôs a nos ter para que possa deleitar-se conosco e possamos nos deleitar com Ele. Nada menos se ajustaria ao Seu coração, e nada menos nos faria felizes em Sua presença. Nenhuma questão quanto ao caráter, ou conduta, ou natureza será jamais levantada naquela cena para frustrar a nossa alegria em Deus ou a Sua satisfação em nós. E o que será consumado em sua plenitude então é operado em nossas almas pelo Espírito hoje, se, no poder do Espírito, procurarmos corresponder aqui em baixo ao que estaremos em perfeição lá em cima.

Além disso, não somos apenas escolhidos para estar em uma condição adaptada a Deus, mas somos predestinados para gozar da relação de filhos diante do Pai. Os anjos, certamente, estarão perante Deus em uma condição adaptada a Deus, mas eles estão ali na posição de serviçais. Nós somos trazidos para o relacionamento de filhos. Esse é o privilégio especial ao qual somos predestinados segundo o beneplácito da Sua vontade, para o louvor da glória da Sua graça.

Ainda mais, em vista do cumprimento do propósito de Deus, devemos ser remidos e termos o perdão dos pecados pelo sangue de Cristo, segundo as riquezas da Sua graça. O apóstolo conectou a predestinação com “a glória da Sua graça”, agora ele conecta a redenção “com as riquezas da Sua graça”. A nossa grande necessidade é satisfeita pelas riquezas da Sua graça, mas a glória da Sua graça faz mais; ela nos favorece e nos dá o lugar de filhos. Encontrar a necessidade do príncipe mostra quão ricos eram os recursos da graça na casa do Pai; mas dando a ele o lugar do filho mostrou a glória da graça no coração do Pai. Na epístola aos Romanos a morte de Cristo é totalmente desenvolvida na reunião de todas as nossas responsabilidades, e assim ali o apóstolo exclama: “Ó profundidade das riquezas tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus”. Em Efésios o apóstolo passa além das nossas responsabilidades para revelar os nossos privilégios; por essa razão não temos apenas as riquezas da Sua graça, mas a glória da Sua graça.

Tendo então, os sete primeiros versos, revelado os conselhos do coração do Pai acerca do Seu povo, o apóstolo prossegue com as novas maravilhas. Ele nos revela a vontade secreta do Pai acerca de Cristo. Ele satisfaz o nosso coração revelando os propósitos do amor, Ele deu o descanso de consciência pela obra da redenção, e assim nos libertou, estamos capacitados para entrar nos pensamentos de Deus acerca de Cristo e a Igreja.

Deus queria que conhecêssemos o mistério da Sua vontade, segundo o beneplácito do Seu prazer que Ele tinha proposto Nele mesmo para a aplicação na plenitude dos tempos. O que esta palavra “mistério” significa? É ela algo que não podemos entender, ou é misteriosa ou enigmática? Longe disso. Na Escritura um mistério é um segredo que possivelmente não pode ser conhecido até não revelado por Deus, e quando revelado só pode ser conhecido pelo instruído. Este mistério é segundo Seu beneplácito; ele é um segredo que dá prazer ao Seu coração, pois é concernente a Cristo. Você diz que não estamos interessados em mistérios, que deixamos essas coisas profundas para outros! Seguramente não, pois isso significaria que estamos contentes de saber o que Deus tem em Seu coração para nós, sem qualquer interesse quanto ao que Deus tem em Seu coração para Cristo.

Aqui o mistério faz referência à “plenitude dos tempos” quando Deus terá tudo aplicado segundo a Sua mente; quando tudo o que Deus instituiu em outros tempos, e que falhou tão completamente nas mãos dos homens, será aplicado em toda a sua plenitude por Cristo. O governo, o sacerdócio e a realeza foram instituídos por Deus em outros tempos, somente para ser quebrado porque foi confiado à responsabilidade do homem. Mas o tempo está vindo quando tudo será visto em perfeição e plenitude. Isto será realizado pelo direcionamento de todas as coisas em Cristo, tanto as coisas que estão no céu como as que estão na terra. No presente Cristo está escondido; mas quando Ele vier em glória, toda a confusão, a tristeza e a desordem deste mundo passarão. O reino de Satanás será findo, o tempo da cegueira de Israel será acabada, o governo ímpio das nações gentias será fechado, o gemido da criação será silenciado, e a maldição será retirada. Todos serão trazidos, não pela pregação do Evangelho, como alguns orgulhosamente imaginam, ou por algo que o homem possa realizar, mas apenas por Cristo. Quando Ele estabelecer o Seu trono – quando Ele reinar – todos serão conduzidos para o beneplácito de Deus.

O Velho Testamento abundantemente prediz “os sofrimentos de Cristo e as glórias que devem seguir”, quais glórias, muito embora elas alcancem os limites máximos da terra, ainda são terrenas e não celestiais. Isso não é nenhum segredo ou mistério; ao contrário os profetas estão cheios de descrições incandescentes do reino terreno. Quando, contudo, vamos ao Novo Testamento, Deus nos revela o grande segredo, que o domínio de Cristo se estenderá imensamente além dos limites da terra; para que como um Homem, Cristo domine não somente “do mar ao mar, e do rio aos confins da terra”, mas sobre todo o vasto universo de Deus aos limites máximos da criação; para que Ele seja colocado muito acima de todo principado, poder, força e domínio, e todo nome que é nomeado, não apenas neste mundo, mas também naquele que deve vir; sim, mais, para que todas as coisas no céu e na terra sejam reunidas sob Cristo como o Cabeça.

Deus abundou em nós toda a sabedoria e inteligência em fazendo assim conhecido a nós não apenas o Seu propósito para Seu povo, mas os segredos do Seu coração para Cristo; não só o Seu propósito para a terra, mas os Seus segredos acerca de todo o universo. Os céus estão agora separados da terra, mas não será sempre assim. Deus propôs unir o céu e a terra sob Cristo como Homem. Este é o mistério da Sua vontade, mas ainda assim ele

não é todo o mistério. Pois o mistério diz respeito a: “Cristo e a Igreja” (Ef. 5: 32). Não só Cristo, nem só a Igreja, mas Cristo e a Igreja. Isto nos conduz a parte mais assombrosa do mistério; que no dia do Seu domínio universal, Cristo terá uma vasta companhia de pessoas salvas da destruição e ruína deste mundo caído – feitas semelhantes a Ele como o resultado da Sua própria obra, unidas a Ele pelo Espírito Santo, para compartilhar com Ele em toda a glória do Seu domínio universal como o Seu Corpo e a Sua Noiva.

A porção restante deste capítulo traz para diante de nós mais esta verdade. O apóstolo continua: “em quem também temos uma herança”. Nos versos 11 e 12 ele fala dos crentes judaicos, no verso 13, dos crentes gentios, e no verso 14, ao falar “da nossa herança” ele se refere tanto aos crentes judeus como aos gentios juntos.

Assim, para usar as palavras de outro, esse grande mistério é “Cristo e a Igreja unidos em bênçãos celestiais e domínio sobre tudo o que Deus fez”.

Cristo reinará sobre Israel, sobre os gentios, sobre todo o universo, mas nunca é dito que Ele reinará sobre a Igreja. Cristo, de fato, será sempre supremo, mas para o louvor da Sua glória a Igreja reinará com Ele.

Isso é tornado mais abundantemente pleno através da oração do apóstolo que fecha o capítulo. Tendo revelado a esperança do chamamento nos versos 3-7, e a herança nos versos 8-14, o apóstolo agora ora para que possamos conhecer essas coisas, e além disso que posamos conhecer a grandeza do poder para nós que trará essas verdades gloriosas à realização. Este poder foi estabelecido na ressurreição de Cristo dos mortos e no estabelecimento Dele “sobre tudo” e na colocação “de todas as coisas abaixo dos Seus pés”. Mas embora seja dado a Cristo como Homem ser o Cabeça sobre todos, Ele é o Cabeça da Igreja que é o Seu Corpo, a plenitude Daquele que cumpre todas as coisas. Aqui a Igreja é vista como o Corpo de Cristo, não nos caminhos de Deus na terra, mas de acordo com os conselhos de Deus na glória.

No começo do capítulo temos a revelação dos conselhos de Deus para os indivíduos que compõem a Igreja. No final do capítulo, os conselhos de Deus para a Igreja, como um todo, sob a figura de um corpo. Somos levados para um tempo quando o Corpo, completo na glória, será unido ao Cabeça em Seu domínio sobre todas as coisas.

Adão e Eva fornecem um tipo de Cristo e a Igreja. Eva não foi diretamente colocada no domínio sobre este mundo abaixo, mas Adão foi. É verdade que Deus disse a eles: “Frutifiquem... e dominem”, mas na realidade Adão foi colocado no domínio antes que Eva fosse formada. A criação dos animais foi trazida para Adão nomear; ele estava em relação com tudo como o cabeça sobre todos, e pela associação com Adão, Eva compartilhou o seu domínio.

Assim a Igreja pela associação com Cristo, compartilhará do Seu domínio universal sobre toda a criação. E assim como foi dito que Eva era uma adjutora de Adão – a sua contraparte – assim se diz que a Igreja é a plenitude Dele que cumpre tudo em todos. À parte da Igreja, Cristo necessitaria da Sua plenitude. Como alguém disse: “Como o Filho de Deus, Ele, naturalmente, não precisa de nada para completar a Sua glória; mas como Homem Ele precisa. Ele não seria mais completo em Sua gloriosa ressurreição sem a Igreja como Adão não teria sido sem Eva.”



## **4. A Igreja nos Caminhos de Deus**

### **Ef 2:11-22**

Na primeira parte da epístola ao Efésios (Ef 1 e Ef 2:1-10) a Igreja é apresentada em relação a Cristo na glória, segundo os conselhos de Deus. Isso prepara o caminho para uma visão muito diferente da Igreja – a sua formação e testemunho na terra segundo os caminhos de Deus.

Há uma vasta diferença entre os conselhos de Deus para a glória e os caminhos de Deus na terra. Compreendendo essa distinção, veremos que a Igreja não tem apenas um destino glorioso quando unida a Cristo no céu, segundo o propósito eterno de Deus, mas que ela também tem uma existência na terra, e um grande lugar nos caminhos de Deus aqui em baixo. É esse aspecto da Igreja que é trazido para diante de nós em Efésios 2:11-22.

Para que possamos entender este aspecto muito importante da Igreja, o apóstolo lembra-nos da posição distinta mantida por Israel nos tempos antes da cruz. Naquele tempo existia uma distinção muito grande entre judeu e gentio. Nos caminhos de Deus na terra o judeu gozou de um lugar privilegiado no qual o gentio era um completo estrangeiro. Israel formava uma comunidade terrena com promessas terrenas e esperanças terrenas. Eles tinham uma relação exterior com Deus. A adoração religiosa, a organização política, as ocupações diárias, os assuntos domésticos, tudo deles, do ato mais alto de adoração ao menor detalhe da vida, eram regulados pelas ordens de Deus. Esse era um privilégio imenso no qual os gentios, como tal, não tiveram nenhuma parte. Não era que os judeus eram um pouco melhores do que os gentios, visto que à vista de Deus, a grande maioria dos judeus era tão má quanto os gentios, e alguns até mesmo piores; e de outro lado, houve gentios individuais que eram homens realmente convertidos, tais, por exemplo, como Jó. Mas nos caminhos de Deus sobre a terra, Ele separou Israel dos gentios e deu-lhes um lugar de privilégio exterior especial; ou mesmo se não convertido (como de fato foi o caso da grande maioria) era um privilégio imenso ter todos os seus assuntos regulados de acordo com a perfeita sabedoria de Deus. Os gentios não tiveram tal posição no mundo. Eles não gozavam de nenhum reconhecimento público por Deus. Os seus assuntos não eram regulados pelas ordenanças de Deus. E as próprias ordenanças que regulavam a vida do judeu, severamente mantinham judeu e gentios separados.

Assim o judeu teve um lugar na terra de proximidade exterior a Deus, enquanto o gentio estava exteriormente longe sem conexão reconhecida com Deus no mundo.

Mas Israel falhou completamente em corresponder aos seus privilégios. Eles se viraram de Jeová para os ídolos. Os mandamentos e as ordenanças de Deus, que deu a eles sua posição impar, eles a desconsideraram completamente. Finalmente, crucificaram o seu Messias e resistiram ao Espírito Santo. Como resultado perderam, por enquanto, o seu lugar especial de privilégio na terra, foram despossosados de sua terra e espalhados entre as nações.

Este colocar de lado a Israel prepara o caminho para a mudança maravilhosa que teve lugar nos caminhos de Deus na terra. O vislumbre vívido no passado dado pelo Espírito de Deus nos versos 11 e 12 apenas torna o contraste mais notável, visto que depois da rejeição de Israel, Deus, na busca dos Seus caminhos, trouxe à luz a Igreja e assim funda um círculo de bênção inteiramente novo, inteiramente fora dos círculos judeu e gentio.

Este novo começo acontece na ocasião do fluir da graça de Deus de um modo muito especial ao gentio. Sai o chamamento para o gentio; não, de fato, que o judeu esteja

excluído do novo círculo de bênção, pois, como veremos, a Igreja é composta de crentes tanto dentre os judeus como dentre os gentios.

Mas se o gentio deve ser conduzido aos privilégios inestimáveis e às bênçãos do novo círculo – se o gentio dever ter parte na Igreja – isso deve ser de uma forma justa. Por isso a cruz é uma vez introduzida (verso 13). A cruz já foi referida em Efésios 1 em conexão com o cumprimento dos conselhos de Deus. Aqui em Efésios 2 a cruz é referida em conexão com os caminhos de Deus na terra. Pelo sangue de Cristo os pecadores gentios são colocados para perto de Deus, sendo trazidos do lugar distante no qual o pecado os tinha colocado, a um lugar de proximidade. Não uma mera proximidade exterior, por meio de ordenanças e cerimônias, mas uma proximidade vital que só é totalmente expressa em Cristo mesmo, ressuscitado dos mortos e aparecendo diante da face de Deus por nós. Assim é dito: “em Cristo Jesus vós... sois trazidos para perto pelo sangue de Cristo”. Os nossos pecados nos coloca longe, mas o precioso sangue não apenas nos lava dos nossos pecados, ele faz mais, infinitamente mais – nos leva para perto. O sangue de Cristo declara a enormidade do pecado que exigiu tal preço, proclama a santidade de Deus que não poderia ser satisfeita com um preço menor, e revela o amor infinito que pode pagar o preço.

Mas isso, embora necessário para a formação da Igreja, não constitui em si mesmo a Igreja. A Igreja não é simplesmente um número de indivíduos “colocados juntos”, pois isso será verdadeiro para todo santo de todas as eras comprado pelo sangue. Há mais necessidades; não só os indivíduos devem ser “colocados juntos” mas os crentes judeus e gentios devem ser “feitos um” (verso 14). Isso, também, a cruz de Cristo realizou. Ali Cristo derrubou a barreira entre judeu e gentio. A inimizade entre judeu e gentio foi causada pelas ordenanças que excluía o gentio de ter parte com eles. Através dessas ordenanças o judeu pode se aproximar de Deus de um modo exterior enquanto que o gentio não poderia. Mas na cruz Cristo aboliu completamente a lei das ordenanças como um meio de se aproximar de Deus e fez um novo caminho de aproximação pelo Seu sangue. O judeu que se aproxima de Deus com base no sangue acaba com as ordenanças judaicas. O gentio sai da sua distância de Deus; o judeu, sai da sua proximidade dispensacional, e ambos são feitos um no gozo de uma bênção comum diante de Deus, nunca antes possuída por eles. Os crentes gentios não são levantados ao nível de privilégios dos judeus. Os Judeus não são rebaixados ao nível dos gentios. Ambos são levados para uma terra inteiramente nova para um plano imensamente mais alto.

Mas até mesmo isso não exprime a verdade completa da Igreja. Se o apóstolo tivesse parado aqui, de fato deveríamos ver que os crentes são trazidos para perto pelo sangue e feitos um já que foi retirada toda a inimizade, mas poderíamos ter sido deixados com o pensamento de que somos feitos uma companhia em feliz unidade. E de fato isso é uma verdadeira bênção, mas, ainda assim, muito longe da plena verdade quanto à Igreja. Portanto o apóstolo vai em frente e nos diz que não somos apenas “colocados juntos” e não apenas “feitos dos dois um”, mas que fomos feitos “um novo homem” (verso 15), “um Corpo” (verso 16), habitado “por um Espírito” por quem temos o acesso ao Pai (verso 18). Isso, de fato, apresenta a verdade completa da Igreja – o Corpo de Cristo – que, nos caminhos de Deus, está sendo formado na terra.

Deus não está apenas salvando almas de judeus e gentios com base no sangue, Ele não está apenas reunindo os tais em unidade, mas está os formando em um Novo Homem do qual Cristo é o glorioso Cabeça, os crentes são os membros do Corpo, e o Espírito Santo o poder de união. Isso é muito mais do que unidade; é união. A Igreja não é simplesmente uma companhia de crentes em feliz unidade, mas uma companhia de pessoas que são os

membros de Cristo e uns dos outros em íntima união. E o Novo Homem não é meramente novo em um ponto do tempo, mas o é de uma ordem inteiramente nova. Antes da cruz, como vimos, havia dois homens, o judeu e o gentio, odiando um ao outro e em inimizade com Deus. Agora nos caminhos maravilhosos de Deus “Um Novo Homem” nasceu. Um Novo Homem que inclui todo santo na terra unidos por um Espírito a Cristo, o ressuscitado e exaltado Cabeça.

Unidos com a formação da Igreja de Deus na terra são três as grandes verdades às quais o apóstolo se refere: a reconciliação com Deus, a pregação da paz aos pecadores e o acesso ao Pai por parte de santos.

Primeiro, tanto judeu como gentios são reconciliados com Deus em um Corpo (verso 16). Deus não estava contente que o gentio tivesse que permanecer distante Dele ou que o judeu tivesse um lugar de mera proximidade exterior, mas a uma distância real tão grande quanto o gentio. Nem Deus estava contente que o judeu e o gentio tivessem que permanecer distantes um do outro. Por isso, na cruz Ele operou tão maravilhosamente que ambos foram trazido para perto Dele, e ambos foram trazidos para perto um do outro, formando um Corpo sobre o qual Deus pode olhar com complacência. A cruz matou a inimizade entre crentes gentios e judeus, como também aquilo que uma vez esteve entre ambos e Deus. Nada poderia mais perfeitamente expressar a remoção completa da inimizade do que o fato dos crentes judeus e gentios serem formados “em um Corpo”. Não é dito neste verso “Um Novo Homem”, porque isso inclui Cristo o Cabeça, e nenhum pensamento de reconciliação pode ser conectado a Cristo. São aqueles que compõem o Corpo que precisam de reconciliação, não Aquele que é o Cabeça.

A segunda grande verdade é que o Evangelho da paz é pregado aos gentios que estavam longe e aos judeus que estavam dispensacionalmente perto. Podemos entender bem a introdução da pregação em uma passagem que mostra como a Igreja é formada na terra. Sem a cruz não pode haver nenhuma pregação, e sem a pregação não haveria nenhuma Igreja. Cristo é visto como o Pregador, muito embora o Evangelho que Ele prega seja proclamado instrumentalmente por outros. Lemos sobre os discípulos que “eles foram adiante e pregaram em todo lugar, o Senhor cooperando com eles” (Mc 16: 20).

Há uma terceira verdade de grande bem-aventurança. Através de um Espírito ambos (judeu e gentios) temos acesso ao Pai. A distância não é retirada apenas do lado de Deus, mas também é retirada do nosso lado. Pela obra de Cristo na cruz Deus pode nos atrair para perto, pregando a paz, e pela obra do Espírito em nós podemos nos acercar ao Pai. A cruz nos dá o nosso título de posse para chegarmos perto; o Espírito nos permite usar nosso título de posse e praticamente nos acercar ao Pai. Mas se o acesso é pelo Espírito, então claramente não há nenhum lugar para a carne. O Espírito exclui a carne de toda forma. Não é por edifícios, ou rituais, ou órgãos, ou coros, ou uma classe especial de homens que ganhamos o acesso ao Pai. Não, todas essas carnalidades significam que quanto mais elas impressionam o homem natural mais eficazmente barram todo o acesso ao Pai. É através do Espírito, mas mais, é através de “um Espírito”, e por isso na presença do Pai tudo é de um acordo. Como justamente cantamos:

“Nenhuma nota dissonante faz o som ali discordante”.

As chatas e baixas reuniões da assembléia não resultam do fato solene de que ousamos trazer na presença do Senhor a carne não julgada? Ou ainda, as reuniões que por outro lado alegres são repentinamente abaladas por um hino impróprio ou um ministério intempestivo, porque não somos todos guiados por um Espírito. Falamos assim para encher alguns com um medo mórbido pela apresentação daquilo que extinguiria o Espírito e assim

os silenciaria? Ao contrário, deixe esse tal lembrar-se de que o seu silêncio pode ser tanto uma intrusão da carne como o ardor dos outros. Deixe que todos julguem a si mesmos e então entrem na presença do Senhor. Então, de fato, o Espírito estará livre para dar acesso ao Pai.

Até aqui vimos a Igreja como o Corpo de Cristo; mas nos caminhos de Deus na terra a Igreja é vista em outros aspectos, dois dos quais são trazidos diante de nós nos versos finais do capítulo (versos 19-22). Primeiro, a Igreja é vista como crescendo para “ser um templo santo no Senhor”; em segundo lugar, como “morada de Deus”.

No primeiro aspecto a Igreja é comparada com um edifício bem ajustado que cresce para templo santo no Senhor. Os apóstolos e os profetas formam o fundamento, sendo o próprio Cristo a principal pedra de esquina. Por toda a dispensação cristã os crentes estão sendo acrescentados pedra por pedra até que o último crente seja colocado e o edifício concluído seja exposto na glória. Este é o edifício do qual o Senhor diz em Mateus 16: “Eu edificarei a Minha Igreja, e as portas do hades não prevalecerão contra ela”. Cristo é o construtor, não o homem. Por isso, tudo é perfeito, e nada além das pedras vivas fazem parte deste edifício santo. Peter nos dá o significado espiritual deste edifício quando nos diz que as pedras vivas são feitas uma casa espiritual “para oferecer sacrifícios agradáveis a Deus”, por um lado, e “anunciar as virtudes” de Deus, por outro (1 Pe 2:5, 9). Em Apocalipse 21, João tem uma visão do edifício concluído que desce do céu da parte de Deus radiante com a glória de Deus. Então, de fato, daquele glorioso edifício sacrifícios incessantes de louvor se elevam até Deus, e um testemunho perfeito das excelências de Deus fluirá para o homem.

Então o apóstolo, ainda usando a figura de um edifício, apresenta outro aspecto da Igreja (verso 22). Ele não vê mais os santos como sendo edificadas em um templo crescente, mas como formando uma casa já completa para a habitação de Deus através do Espírito. Todos os crentes na terra a qualquer dado momento são vistos como formando a habitação de Deus. Mas o apóstolo não diz simplesmente que “sois edificadas”, mas “juntamente sois edificadas para morada de Deus em Espírito”, isto é, a morada é formada de crentes judeus e gentios “juntamente edificadas”. O lugar de morada de Deus é marcado pela luz e pelo amor; por isso, quando o apóstolo chega na parte prática da epístola, ele no exorta como a filhos queridos a “andar em amor”, e “andar como filhos da luz” (Ef 5:2, 8). A casa de Deus é por essa razão um lugar de bênção e testemunho: um lugar onde os santos são abençoados com o favor e o amor de Deus; e, assim abençoados, eles se tornam um testemunho para o mundo em torno deles. Em Efésios a morada de Deus é apresentada segundo a mente de Deus, e por isso somente o que é verdadeiro é contemplado. Outras Escrituras mostrarão como, infelizmente, em nossas mãos a habitação foi corrompida até que finalmente lemos que o julgamento deve começar pela casa de Deus.

Assim neste capítulo temos uma tripla apresentação da Igreja. A Igreja é vista como o Corpo de Cristo, composto de crentes judeus e gentios unidos a Cristo na glória, formando assim um Novo Homem para mostrar tudo o que Cristo é como o Homem ressuscitado, o Cabeça sobre todas as coisas. Então vamos nos lembrar de que a Igreja não é apenas “um Corpo”, mas é “O seu Corpo”, como lemos, “a Igreja que é o Seu Corpo”. E como o Seu Corpo é “a plenitude Dele”. Ela é cheia de tudo o que Ele é para expressar tudo o que Ele é. A Igreja – o seu Corpo – deve ser a expressão da Sua mente, justamente como os nossos corpos dão a expressão ao que está em nossas mentes.

Então a Igreja é um templo que cresce composto de todos os santos de todo o período cristão onde os sacrifícios de louvor ascendem a Deus e as excelências de Deus são mostradas aos homens.

Finalmente, a Igreja é vista como um edifício completo na terra, composto de todos os santos em qualquer dado momento, formando a habitação de Deus para abençoar Seu povo e testemunhar ao mundo.

## **5. A Igreja Como Administrado por Paulo**

### **Ef 3**

Vimos a Igreja segundo os conselhos de Deus na primeira porção da epístola aos Efésios 1; 2:1-10. Vimos também a Igreja nos caminhos de Deus na terra em Efésios 2: 11-22. Chegando agora ao terceiro capítulo, temos a apresentação da Igreja com relação à administração de Paulo. O capítulo inteiro é um parêntese. Efésios 2 apresenta a doutrina da Igreja; Efésios 4, as exortações práticas baseadas na doutrina. Entre a doutrina e as exortações temos esta digressão importante na qual o Espírito Santo apresenta a administração especial, ou serviço, confiado a Paulo com relação à verdade da Igreja.

Em conexão com este serviço aprendemos que foi a insistência na verdade sobre a Igreja que levou o apóstolo para dentro das paredes de uma prisão. Esta grande verdade acordou o ódio especial e a hostilidade dos judeus ainda mais porque não apenas via os judeus e os gentios na mesma posição perante Deus – mortos em transgressões e pecados – mas porque recusava completamente exaltar os judeus a um lugar da bênção acima dos gentios.

Somos então informados por que meios o apóstolo adquiriu o seu conhecimento da verdade do mistério. Não foi por comunicações de homens, mas por uma revelação direta de Deus: “Por revelação Ele fez conhecido a mim o mistério”. Isso encontra uma grande dificuldade que surge com relação à verdade do mistério. Quando Paulo pregou o Evangelho nas sinagogas judaicas, ele invariavelmente apelou para as Escrituras (ver At 13: 27, 29, 32, 35, 47; At 17: 2), e os judeus de Bereá são expressamente louvados já que procuraram nas Escrituras para ver se a palavra pregada por Paulo estava de acordo com ela. Mas quando o apóstolo ministrava a verdade da Igreja, ele não podia apelar mais para o Velho Testamento para a confirmação. Seria inútil aos seus ouvintes procurar as Escrituras para ver se essas coisas eram assim. A descrença dos judeus tornou difícil para eles aceitarem muitas verdades que estavam em suas Escrituras, mesmo Nicodemos falhou em ter um vislumbre da verdade do novo nascimento. Mas aceitar algo que não estava ali, algo, também, que deixa de lado todo o sistema judaico que estava ali, e que tinha existido com o consentimento de Deus por séculos, era, para os judeus como tais, uma dificuldade insuperável.

Muitos cristãos dificilmente podem apreciar esta dificuldade já que a verdade da Igreja está basicamente obscurecida em suas mentes, ou até totalmente perdida. Vendo a Igreja como a agregação de todos os crentes em todos os tempos, eles não têm nenhuma dificuldade em encontrar o que acreditam ser a Igreja no Velho Testamento. Porque esse foi o pensamento dos homens piedosos que é amplamente comprovado pelos títulos que deram a muitos capítulos do Velho Testamento (exemplo Salmos 45). Aceite, contudo, a verdade da Igreja, como revelada na epístola aos Efésios, e então enfrentaremos essa dificuldade que só pode ser encontrada pelo fato de que a verdade da Igreja é uma revelação inteiramente nova.

Essa grande verdade que Paulo tinha recebido por revelação ele descreve como “o mistério” e novamente no verso 4 como “o mistério de Cristo”. Ao utilizar o termo mistério, Paulo não deseja transmitir o pensamento de algo misterioso – uma utilização puramente humana da palavra. Na Escritura um mistério é algo que foi antes guardado em secreto, que não poderia ser de outra maneira conhecido a não ser pela revelação, e, quando

revelado, só pode ser compreendido pela fé. O apóstolo passa a explicar que este mistério não foi feito conhecido aos filhos dos homens durante os dias do Velho Testamento mas agora é feito conhecido pela revelação aos “santos apóstolos e profetas pelo Espírito”. Os profetas ditos aqui claramente não são os profetas do Velho Testamento, nem mesmo em Efésios 2: 20. Em ambos os casos a ordem é “apóstolos e profetas”, não “profetas e apóstolos”, como seria de se esperar a referência ali não é aos profetas do Velho Testamento. Além disso, o apóstolo está falando do que é revelado “agora”, em contraste com o que foi outrora revelado.

Qual então é este mistério? Evidentemente não é o Evangelho o qual não estava escondido em outras eras. O Velho Testamento é cheio de alusões à graça de Deus e ao Salvador que viria, embora essas revelações fossem muito pouco entendidas. Nos é claramente dito no verso 6 que esta nova revelação é que os gentios “são co-herdeiros, e de um mesmo corpo, e participantes da [Sua] promessa em Cristo Jesus pelo evangelho”. Os gentios são feitos co-herdeiros com os judeus, não do reino terrestre de Cristo, mas daquela herança muito maior descrita em Efésios 1 que inclui tanto as coisas no céu como as coisas na terra. E mais, os crentes gentios são colocados com crentes judeus em um só corpo do qual Cristo é o Cabeça no céu. Além disso, eles juntamente participam da promessa de Deus em Cristo Jesus. Os gentios não são levantados ao nível dos judeus na terra, nem os judeus são rebaixados ao nível dos gentios. Ambos são tirados da sua velha posição e levantados a um plano imensamente mais alto, unidos uns aos outros em uma base inteiramente nova e celestial em Cristo. E tudo isso acontece através do Evangelho que trata com ambos em um nível comum tanto de culpa como de ruína completa. Os três grandes fatos mencionados neste verso são revelados em Efésios 1. A promessa em Cristo inclui todas as bênçãos reveladas nos sete primeiros versos daquele capítulo; a herança é aberta diante de nós nos versos 3-21, e o “um corpo” nos versos 22 e 23.

O mistério pode ser assim resumidamente colocado no âmbito de um verso único, mas capturar a grandeza da verdade e tudo o que está envolvido nisso, exige o mais profundo exercício espiritual. Alguém disse: “É maravilhoso (assombroso) como os cristãos lentos devem entender a grandeza dos conselhos de Deus... Em geral somos obrigados a estar muito mais ocupados com os detalhes da vida cristã do que com os grandes princípios desta vida”. Na contemplação do mistério somos levados de volta à fundação do mundo para encontrar a sua fonte no coração do Pai. Ali tudo foi deliberado segundo a Sua bondade. Ali, também, em Deus, este grande mistério permaneceu escondido por todas as eras do tempo, até que, nos caminhos de Deus, o momento fosse oportuno para a sua revelação. Antes que aquele momento fosse alcançado, os grandes eventos deviam acontecer: o mundo devia ser testado e comprovado ser um mundo completamente arruinado; Cristo devia ser manifestado na carne e a Sua obra de redenção realizada; Ele devia ser ressuscitado dos mortos e sentado na glória; por fim, o Espírito Santo devia vir a terra.

A presença de Cristo na terra foi o teste final e maior do homem. Vivendo entre homens, cheio de graça e verdade, Ele “andou fazendo o bem”. Em cada ajuda manifestou um poder que podia libertar o homem de todo mal possível – seja do pecado, da doença, da morte, ou do diabo. Além disso, com um coração cheio de compaixão, manifestou uma graça que usou o Seu poder em favor de homens pecadores. Como resultado, toda esta manifestação da bondade divina só trazia à luz o ódio absoluto do homem pela bondade perfeita de Deus. Foi a demonstração final da completa ruína do homem fosse judeu ou gentio. Os judeus, rejeitando completamente o Messias prometido há muito tempo, selaram

a sua sorte ao dizerem: “Não temos nenhum Rei além de César”. Isto foi apostasia. Os gentios comprovaram a sua ruína completa usando o governo que Deus tinha posto em suas mãos para condenar o Filho de Deus depois de tê-Lo considerado judicialmente inocente. A cruz foi a resposta do homem ao amor de Deus – a prova final de que o homem é não apenas um pecador, mas um pecador arruinado, distante de qualquer esperança de recuperação por si mesmo. O que acontece? O Cristo que o mundo rejeitou ascende para a glória, e o mundo vai para baixo do julgamento. A luz do mundo é anunciada, e o mundo é deixado na escuridão. O Príncipe da vida é morto, e o mundo é deixado na morte. A morte e a escuridão cobrem toda a cena, judeu e gentio tanto um como o outro, mortos para Deus em transgressões e pecados.

Não há, então, mais esperança para um mundo arruinado? O mundo deve caminhar para o julgamento com o seu vasto carregamento de almas arruinadas? O homem foi vencido pelo pecado e pela morte? O diabo frustrou os objetivos de Deus, envolvendo o homem na ruína sem esperança e triunfou sobre todos? Tanto quanto concerne ao homem há apenas uma resposta. Tudo está irreparavelmente arruinado. A cruz prova que este não é um mundo que está morrendo, mas um mundo morto: “Julgando nós assim, que se um morreu para todos, então todos morreram”. Mas nesta crise suprema, quando o fim do mundo é alcançado e a sua história terrível do pecado está encerrada na morte, então Deus volta para os Seus conselhos eternos, atua segundo O seu beneplácito, e no devido tempo revela os segredos do Seu coração. Se o mundo está morto, Deus está vivo, e o Deus vivo atua segundo os Seus conselhos. O mundo tinha colocado o Cristo de Deus sobre uma cruz de vergonha: Deus ressuscita Cristo dentre os mortos e O senta sobre um trono de glória; no tempo devido, no grande dia de Pentecostes, o Espírito de Deus vem ao mundo desde Cristo glorificado. Maravilhoso de fato foi aquele momento quando a terra estava sem forma e vazia e as trevas estavam sobre a face do abismo e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas, mas muito mais maravilhoso foi o dia quando o Espírito de Deus entrou em um mundo que tinha se arruinado por expulsar a luz do mundo e matar o Príncipe da vida. Não podemos dizer que mais uma vez “as trevas estavam sobre a face do abismo”, e mais uma vez “o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas”? Deus começa uma nova obra de criação baseada, não no homem que morre, mas em “Cristo o Filho de Deus vivo” – o princípio da criação de Deus.

Do meio de um mundo de judeus apóstatas e gentios ímpios, Deus chama para fora uma grande companhia de almas vivificadas, remidas pelo sangue, e perdoadas segundo as riquezas da Sua graça; e não só as chama para fora de um mundo arruinado mas as une em um corpo com seu cabeça Cristo no céu. Elas não são do mundo no qual Cristo foi rejeitado, assim como Ele não é do mundo (Jo 17:16), mas pertencem ao céu onde Cristo está assentado, o seu cabeça ressuscitado e exaltado. Além disso, irão se associar a Cristo em Sua herança gloriosa quando Ele dominará sobre todo o universo criado de Deus, sejam elas as coisas no céu ou na terra.

Tal então é este grande mistério, em outras eras não tornado conhecido aos filhos de homens, mas agora revelado aos Seus santos apóstolos e profetas pelo Espírito, e ministrado a nós pelo apóstolo Paulo. Pois desta grande verdade, como o apóstolo nos diz, ele foi feito um ministro (verso 7). Não é que não fosse revelado a outros apóstolos – Paulo nos diz que foi – mas para ele foi confiado o serviço especial de ministrar esta verdade aos santos. Por isso somente nas epístolas de Paul encontramos alguma revelação do mistério. A graça de Deus tinha dado este ministério ao apóstolo, e o poder de Deus o capacitou a usar o dom da graça. Os dons de Deus somente podem ser usados no poder de Deus.



Além disso o apóstolo nos fala do efeito que esta grande verdade teve sobre ele (verso 8). Na presença da grandeza da graça de Deus, ele vê que é o principal dos pecadores (1Tm 1:15); na presença da imensa perspectiva da bênção revelada pelo mistério, ele sente que é menos do que o menor dos santos. Quanto maior as glórias abertas à nossa visão, menores nos tornamos aos nossos próprios olhos. O homem que teve a maior apreensão desse grande mistério em toda a sua vasta extensão, foi o homem que reconhece ser o menor que todos os santos.

Para cumprir o seu ministério, o apóstolo pregou entre os gentios as riquezas insondáveis de Cristo (verso 8). Paulo não só proclamou a ruína irremediável do homem, mas as riquezas insondáveis de Cristo, riquezas além de todo o cômputo humano, trazendo bênçãos que não têm nenhum limite. Pudéssemos nós procurar o fim das Suas riquezas, não alcançaríamos o limite das bênçãos que essas riquezas conferem.

A pregação do evangelho, contudo, tinha em vista a segunda parte do serviço de Paulo – esclarecer tudo com o conhecimento da “dispensação [administração] do mistério” (verso 9). Não simplesmente esclarecer tudo com a verdade do mistério, mas com o conhecimento de como ele é administrado; mostrar a todos os homens como o conselho de Deus de eternidade a eternidade é realizado a tempo pela formação da assembléia na terra, e assim trazer à luz em público aquilo que estava até aqui escondido em Deus desde o começo do mundo.

Mas ainda mais, não apenas que Deus esclareceria todos os homens quanto à formação da assembléia na terra, mas que é Sua intenção que agora todos os seres celestiais devem aprender na Igreja a multiforme sabedoria de Deus. Estes seres celestiais tinham visto a criação recém-vir das mãos de Deus, e, quando olharam para a Sua sabedoria na criação, cantaram de alegria. Agora na formação da Igreja eles vêem “a multiforme [toda as várias] sabedoria de Deus” (verso 10) . A criação foi a demonstração da mais perfeita sabedoria criacional, mas na formação da Igreja, a sabedoria de Deus é demonstrada em todas as forma. Antes que a Igreja pudesse ser formada, a glória de Deus tinha que ser demonstrada, a necessidade do homem tinha que ser satisfeita, o pecado tinha que ser posto de lado, a morte abolida, e o poder de Satanás anulado. A barreira deve ser removida entre judeu e gentio, o céu aberto, o Cristo assentado como um Homem na glória, o Espírito Santo vindo a terra e o Evangelho pregado. Tudo isso e mais está implicado na formação da Igreja, e esses variados fins só podem ser alcançados pela exposição de todas as várias sabedorias de Deus, não só em uma direção, mas em toda direção. Assim a Igreja na terra se torna o livro de lição dos seres celestiais e angélicos. Nem o fracasso da Igreja em suas responsabilidades alterou o fato de que na Igreja os anjos aprendem esta lição. Ao contrário, só faz mais manifesta a maravilhosa sabedoria que, ressurgindo de todo o fracasso do homem, vencendo cada obstáculo, finalmente conduz a Igreja a glória “segundo o propósito eterno que Ele propôs em Cristo Jesus o nosso Senhor”.

Nos versos seguintes (12 e 13) o apóstolo se desvia da revelação do mistério para dar uma breve palavra quanto ao seu efeito prático. Essas maravilhas não são desenroladas diante da nossa visão simplesmente para serem admiradas, como de fato são admiráveis, pois como disse Davi da casa de Deus, ela é “magnífica em excelência”. Mas é igualmente verdadeiro que o mistério é excessivamente prático, e nesses dois versos vemos o efeito do mistério quando corretamente compreendido e praticado. Ele é uma verdade que nos fará estar em casa no mundo de Deus, mas nos porá para fora do mundo do homem. Como o homem cego de João 9, quando expulso pelo mundo religioso, se encontra na presença do Filho de Deus, assim Paulo tem acesso ao palácio no céu (verso 12), mas se encontra em

uma prisão na terra (verso 13). Cristo Jesus, Aquele por quem todos esses propósitos eternos serão cumpridos, é Aquele por quem temos acesso pela fé ao Pai. Se em Cristo seremos colocados perante Deus santos, sem culpa, em amor, então em Cristo temos santa ousadia mesmo agora e acesso ao Pai com a confiança. Esta grande verdade nos faz estar em casa na presença do Pai. Mas no mundo isso nos levará à tribulação. Isso Paulo encontrou, mas ele diz: “Não desfaleçais em minhas tribulações”. Aceitar a verdade do mistério – andar na luz dele – nos porá ao mesmo tempo fora do curso deste mundo e, antes de tudo, fora do mundo religioso. Atuemos sobre esta verdade e ao mesmo tempo encontraremos a oposição do mundo religioso. Será conosco como foi com Paulo, uma luta contínua, e especialmente com tudo o que é judaizante.

E deve ser assim, já que essas grandes verdades minam inteiramente a constituição mundana de todo sistema religioso feito por homem. É a verdade do mistério, com o conhecimento que Paulo procurou trazer à luz a todos os homens, proclamado nos púlpitos da cristandade, nas convenções dos santos, ou até mesmo nas plataformas evangélicas? É a verdade do mistério envolvendo a ruína total do homem, a rejeição completa de Cristo pelo mundo, a reunião de Cristo na glória, e a presença do Espírito Santo na terra, a separação do crente do mundo, e a chamada dos santos ao céu – esta grande verdade é proclamada ou tem efeito sobre as igrejas nacionais e as denominações religiosas da cristandade? Não, ela não tem lugar em seus credos, em suas orações, ou em seus ensinamentos. Muito pior, é negada pela sua própria constituição, seu ensino, e sua prática.

Mas se isto é assim, temos um recurso. Podemos orar, e por isso esses dois versos (12 e 13) conduzem quase que naturalmente à oração do apóstolo com a qual fecha o capítulo. Se tivermos a ousadia e o acesso com a confiança, então podemos orar. Se formos afrontados com tribulações, então devemos orar. Assim que em presença do serviço especial dado a Paulo para ministrar a verdade, e a tribulação que este serviço o envolveu, ele tem um só recurso, dobrar os seus joelhos diante do Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.

A oração no primeiro capítulo de Efésios foi dirigida ao “Deus do nosso Senhor Jesus Cristo”. Ali Cristo é visto como um Homem em relação a Deus, e de Cristo colocado cima de tudo, olhamos para baixo para a herança espalhada em toda a sua vasta extensão da glória. Aqui a oração é dirigida ao “Pai do nosso Senhor Jesus Cristo”, e Cristo é visto como o Filho em relação ao Pai, e em vez de olhar para baixo para a herança, levantamos os olhos para as Pessoas divinas.

O pedido na primeira oração consiste em que possamos conhecer a esperança do Seu chamamento, a glória da Sua herança, e a sobre-excelente grandeza do Seu poder. Mas esta oração se eleva para além do chamamento, se estende para além da herança, e conduz àquilo que é maior do que o poder. Pois aqui o apóstolo ora, não só para que possamos conhecer a esperança do chamamento, mas para que Cristo – Aquele em quem somos chamados – possa viver em nosso coração; não só para que possamos conhecer as riquezas da Sua herança, mas pra que possamos conhecer a plenitude de Deus; não só para que possamos conhecer o Seu sobre-excelente poder, mas que possamos conhecer o amor de Cristo que excede todo o entendimento.

Para que esses pedidos possam ser concedidos, o apóstolo ora para que possa haver uma obra especial do Espírito Sagrado no homem interior. Na primeira oração o poder é em nossa direção; aqui o poder opera em nós. Ali ele era a iluminação dos olhos para ver a herança; aqui é uma obra no coração para compreender o amor. Para entrar nas coisas profundas de Deus devemos ser arraigados e fundados em amor. Ser arraigado e fundado no conhecimento das escolas não será de nenhum proveito na aprendizagem dos

mistérios de Deus. Aqui tocamos uma região além da capacidade do homem. Estamos em contato com coisas que olhos não viram, nem ouvidos ouviram, nem entraram no coração do homem, coisas que somente Deus pode ensinar através de nossos relacionamentos. Assim quando Cristo vive no coração pela fé, e estamos arraigados e fundados em amor, então seremos capazes de compreender com todos os santos qual é a largura e o comprimento, e a profundidade, e a altura. O apóstolo não diz exatamente a que esses termos se referem, mas não tem ele em vista os conselhos infinitos de Deus, há muito tempo escondido, mas agora finalmente revelados no mistério? Isto que é possível compreender, mas há aquilo que ultrapassa o conhecimento – o amor de Cristo. Este pode ser perfeitamente desfrutado, mas nunca alcançaremos o seu fim ou sondaremos as suas profundidades.

Aqui somos lançados em um mar sem porto cujas profundidades nenhuma linha sondou alguma vez. No conhecimento deste amor seremos cheios de toda a plenitude de Deus. “A plenitude de Deus” é aquela com a qual Deus está cheio. Cristo é a plenitude de Deus, como lemos: “Nele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade” (Cl 2:9) . A Igreja é a plenitude de Cristo – “a plenitude Daquele que enche a todos” (Ef 1:23). Apenas Deus pode conduzir o nosso coração ao conhecimento do amor de Cristo e assim nos encher da Sua plenitude. Pois Ele é capaz de fazer muito mais abundantemente acima daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que opera em nós. Não é fazendo coisas para nós, conquanto verdadeiro isso possa ser, mas aqui o poder está operando uma obra em nós. O apóstolo não está falando das nossas circunstâncias e necessidades diárias e tudo o que a Sua misericórdia pode fazer por nós; ele está falando daquele universo vasto de bênção na qual Ele pode conduzir a nossa alma por uma obra em nós. Nem o apóstolo diz: “acima daquilo que podemos pedir ou pensar”, como o verso é algumas vezes erradamente citado. Alguém disse: ‘Há uma grande diferença entre o que pedimos e pensamos, e o que podemos pedir e pensar. Não há nenhum limite para o que podemos pedir’. Nem podemos limitar o que o Deus pode fazer nos santos para a sua bênção e a Sua glória.

Isso conduz o apóstolo a se aproximar com um irromper de louvor: “A Ele seja a glória na Igreja em Jesus Cristo, em todas as gerações, para todo o sempre. Amém”. Foi o grande privilégio de Paulo administrar (dispensar) o mistério no tempo, mas, diz Paulo, que seja para a glória de Deus por toda a eternidade. Deliberado na eternidade antes da fundação do mundo, ele existirá para a glória de Deus por toda a eternidade, quando o mundo não será mais.

## 6. A Igreja como a Casa de Deus Segundo a Mente de Deus

Há dois aspectos principais nos quais a Igreja é vista no Novo Testamento; um como o Corpo de Cristo, o outro como a Casa de Deus.

Quando a Igreja é vista no primeiro aspecto, ela é composta de todos os crentes na terra moldados em um Corpo e unidos a um Cabeça no Céu pelo batismo no Espírito Santo (1Co 12:12, 13; Cl 1:18). Quando a Igreja é vista como a Casa de Deus segundo a mente de Deus, ela é composta de judeus e crentes gentios edificados juntos como uma habitação de Deus através do Espírito (Ef 2:22).

O um Corpo apresenta o aspecto celestial da Igreja. Os crentes são constituídos um povo celestial por causa da sua união com Cristo no Céu como o Cabeça do Corpo. A Casa de Deus, por outro lado, sempre apresenta a Igreja com relação a terra.

A formação e a manutenção do um Corpo estão fora da responsabilidade do homem, e por isso nada que é irreal tem alguma parte no um Corpo. É verdade que todos os crentes são responsáveis por manter a verdade do um Corpo e andar segundo a luz dele, e nisto falhamos penosamente; mas o um Corpo em si mesmo é formado só de crentes verdadeiros e pelo Espírito Santo. A Casa de Deus, por outro lado, foi colocada sob a responsabilidade do homem e, como sempre, o homem falha; por isso material sem valor foi trazido para a Casa de Deus levando à solene afirmação do apóstolo Pedro de que “O Juízo deve começar pela Casa de Deus” (1Pe 4:17).

Antes, contudo, de podermos formar algum idéia justa das nossas responsabilidades com relação à Casa de Deus ou estimar a extensão do nosso fracasso na realização dessas responsabilidades, é essencial ter claramente diante de nossa mente a Casa de Deus segundo o propósito original de Deus. Para isto devemos nos voltar à Palavra de Deus. É impossível aprender de uma cristandade corrupta o propósito original do Arquiteto Divino em ter uma Casa na terra.

Voltando à Escritura, somos ao mesmo tempo confrontados com o fato de que a Casa de Deus tem um lugar muito amplo tanto no Velho Testamento como no Novo. A primeira menção dela está na Gênesis 28; a última, em Apocalipse 21. Do primeiro livro ao último, da criação atual desse tempo agora até o novo céu e nova terra na eternidade, a Casa de Deus é um dos grandes objetivos invariáveis diante da mente de Deus.

É verdadeiro que a composição da Casa é muito diferente em tempos diferentes. Nos dias do Velho Testamento era formada de tábuas e cortinas, e mais tarde de pedras materiais. Hoje, no propósito de Deus, a Casa é composta “de pedras vivas”. Mas enquanto a sua composição varia, o objetivo da Casa permanece o mesmo. Qualquer que seja a forma que ela tome, o propósito é sempre de constituir uma residência para Deus. Salomão expressa esse pensamento quando diz: “Construí uma casa de habitação para Ti, e um lugar para Tu habitares para sempre” (2Cr 6:2). Deus, para a satisfação do Seu próprio coração, determinou habitar com os homens.

Deve, contudo, ser evidente que a Casa de Deus deve ter certas características. Qualquer forma que ela possa tomar, deve ser inevitavelmente ajustada a Deus. A primeira epístola a Timóteo foi especialmente escrita para nos instruir sobre o comportamento ajustado à Casa de Deus (1Tm 3:15). Mas para ter o comportamento certo, é essencial que se saiba as características marcantes da Casa de Deus.

A santidade é o primeiro grande aspecto característico, como lemos no Salmos 93:5: “A santidade convém à Tua Casa, Senhor, para sempre”. Novamente lemos, em Ezequiel 43:12: “Esta é a lei da Casa: Sobre o topo da montanha o todo o contorno em redor será santíssimo. Eis que esta é a lei da Casa”. A santidade, então, é a primeira lei da Casa. Em acordo com isto, Timóteo deve encarregar aqueles que formam a Casa de Deus de manter “o amor de um coração puro, e de uma boa consciência e fê não fingida”, e, além disso, recusar toda conduta contrária à sã doutrina (1Tm 1:5-10). Além disso, a Casa de Deus deve ser marcada pela dependência de Deus. Assim a oração tem um lugar amplo nela, pois a oração é a expressão da dependência de Deus. Por isso lemos: “Quero pois que os homens orem em todo lugar, levantando mãos santas, sem ira nem contenda” (1Tm 2:8). Tudo o que está na Casa de Deus deve ser dependente de Deus que habita ali. Além dessa, outra grande característica é a sujeição a autoridade. Na Casa de Deus a mulher deve aprender em sujeição e não usurpar da autoridade sobre o homem (1Tm 2:11, 12). Finalmente, é marcada pela supervisão e cuidado. Supervisão com relação à prosperidade espiritual das almas (1Tm 3:1-7), e cuidado quanto às necessidades temporais físicas dos homens (8-13).

O mundo é marcado pela maldade e independência, a revolta contra toda autoridade, sem supervisão espiritual e nenhum cuidado adequado do físico dos homens; mas na Casa de Deus as condições inteiramente opostas devem prevalecer. Ali segundo a mente de Deus a santidade deve ser mantida; ali todos devem estar na dependência de Deus; ali todos devem estar em sujeição à autoridade que Deus ordenou; e ali as almas são alimentadas e os corpos físicos cuidados.

Essas, então, são algumas características principais. Santidade, dependência, sujeição, supervisão e cuidado. Além disso, essas características são necessárias para que o propósito de Deus para a Sua Casa seja devidamente executado.

Qual, então, é o grande propósito que Deus tem no coração em habitar entre os homens? Primeiro, se Deus tem um lugar de habitação entre os homens, é para que Deus possa ser conhecido ao abençoar os homens. Em segundo lugar, se o homem é abençoado, é para que possa louvar a Deus. Esses são os dois grandes fins propostos em relação à Casa de Deus – Deus se tornou conhecido para o homem na bênção para que o homem possa se voltar a Deus em louvor.

Em vista do propósito de Deus, fica bastante claro o privilégio e a responsabilidade daqueles que fazem parte da Casa de Deus em expressar e louvar a Deus. Esses princípios principais são muito belamente apresentados na primeira passagem da Escritura que fala da Casa de Deus – Gênesis 28:10-22. Ali Jacó, o viajante sem casa, tem uma visão da Casa de Deus, e ao mesmo tempo ali aparece diante de nós o propósito de Deus e a responsabilidade do homem com relação à Casa de Deus. Deus se revela a Jacó como Aquele que está determinado a abençoar o homem na soberana graça. “Em ti”, diz Deus, “e em tua semente todas as famílias da terra serão abençoadas”. Além disso, o que Deus prometeu Ele executará. Ele será fiel à Sua própria palavra. “Não ti deixarei, até que tenha feito aquilo que falei a ti”. Então do nosso lado temos a dupla responsabilidade do homem. Jacó diz: “Esta não é nada mais que a Casa de Deus, e esta é a porta do céu”. Logo depois estabeleceu “uma coluna, e derramou óleo sobre ela”. A porta apresenta a idéia do acesso para o céu. Pela porta nos é permitidos entrar em contato com o céu para louvar e orar. E é dito que esta porta não está em algum lugar distante além dos limites da terra. A porta do céu está sempre na terra, e aqui, enquanto estamos na terra, temos que usar a porta. A coluna, como sabemos da história da separação entre Jacó e Labão, traz com ela a idéia

do testemunho (Gn 31:52). Assim temos a nossa dupla responsabilidade com relação à casa. Por um lado para se aproximar de Deus em oração e louvor, por outro, para se aproximar do homem como um testemunho de Deus – um testemunho que só pode ser levado a cabo no poder do Espírito, como estabelecido na coluna com o óleo derramado sobre ela.

Indo para 2 Crônicas 6, podemos ver o objetivo de Deus e a responsabilidade do homem novamente apresentados na dedicação da casa construída pelo rei Salomão. Primeiro vemos que ela é o lugar onde Deus se apresenta em bênção para o homem. O rei, representando a atitude de Deus para com o homem, “virou o seu rosto, e abençoou a toda a congregação de Israel” (verso 3). Além disso, o rei dá o testemunho da fidelidade de Deus à Sua palavra, “assim confirmou o Senhor a Sua palavra, que Ele falou” (versos 4, 10, 15). Então no lado da responsabilidade e privilégio do homem, vemos que o templo de Salomão se torna a porta do céu. Nove vezes o rei pede que a oração em direção a este lugar possa ser ouvida no céu. A Casa se torna a porta de acesso ao céu (versos 21-40). Finalmente, a Casa que Salomão construiu devia, assim como a coluna de Jacó, ser o testemunho de Deus entre todas as nações da terra, como ele diz: “a fim de que todos os povos da terra conheçam o Teu nome, e Ti temam como o Teu povo Israel, e saibam que pelo Teu nome é chamada esta casa que edifiquei”. (verso 33).

Voltando ao Novo Testamento, vemos na primeira epístola de Pedro que, embora a forma da Casa de Deus tenha se alterado, o objetivo de Deus e as responsabilidades do homem com relação à Casa, permanecem as mesmas. Aqui, ela não é mais uma Casa material de pedras mortas, mas uma Casa espiritual de pedras vivas. “Vós”, diz o apóstolo, “como pedras vivas sois edificados como Casa espiritual” (1Pe 2:5). No primeiro capítulo da epístola aprendemos que aqueles que formam esta Casa são os sujeitos da bênção soberana de Deus, como lemos: “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua grande misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, incontaminável e imarcescível, reservada nos céus para vós” (1Pe 1:3-4). Então além disso aprendemos que esta bênção é assegurada “pela Palavra do Senhor”, que “resiste para sempre”. Prosseguindo ao capítulo 2, encontramos a apresentação dos nossos privilégios e responsabilidades com relação à Casa. Por um lado somos edificados juntos “para oferecer sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus por Jesus Cristo”. Por outro, diante dos homens, devemos “anunciar as grandezas Daquele que vos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz” (verso 9). Aqui, então, temos mais uma vez “a porta do céu” e “a coluna” com a unção do óleo. Nos aproximamos de Deus para oferecer o louvor e a oração; nos aproximamos dos homens como uma testemunha das Suas grandezas.

Finalmente podemos perguntar: quando foi que a Casa de Deus, em sua forma atual, nasceu? Muito conclusivamente a Escritura responde – não antes que a redenção fosse consumada. Se Deus dever vir para o meio de um povo adorador, então Cristo deve passar primeiro pela escuridão e renúncia da cruz. Ali ouvimos aquele brado: “Deus Meu, Deus Meu, por que Me desamparaste?” E Aquele que proferiu o brado sozinho pode dar a resposta: “Tu és santo, O Tu que habitas nos louvores de Israel”. Se o Deus santo dever habitar no meio de um povo adorador, Cristo tem que remir este povo passando pela morte.

Jacó, como vimos, pode falar da Casa de Deus, mas não antes que a redenção seja consumada Deus fala da habitação entre os filhos de Israel (ver o Êxodo 29: 45). Nem com Adão o inocente nem com Abraão o crente poderia Deus viver. Ele de fato pode andar no jardim, e conceder uma visita de passagem para Abraão, mas nem a inocência e nem a

fidelidade asseguraram um lugar de habitação para Deus. A mera inocência não serviria para Casa de Deus; a fidelidade do homem não a asseguraria quando a inocência fosse perdida. A habitação de Deus entre os homens é o fruto da redenção, pois dessa maneira o crente está preparado para Deus, e dessa maneira um Deus santo está preparado para ser conhecido pelo homem. Está claro que “a Casa de Deus que é a Assembléia de Deus vivo” não existiu até que a redenção fosse realizada. Então no dia do Pentecostes, estando os discípulos juntos em um lugar em Jerusalém, o Espírito Santo desceu e “encheu toda a Casa onde estavam” e “foram todos cheios do Espírito Santo”. O povo de Deus que estava até aqui espalhado fora da casa foi então constituídos em Habitação de Deus, e Deus assumiu o Seu lugar de habitação na Casa.

## 7. A Igreja como a Casa de Deus nas Mãos dos Homens

No último capítulo procuramos aprender na Escritura a verdade sobre a casa de Deus quando examinada segundo a mente de Deus. Vimos o propósito de Deus de habitar entre os homens e as responsabilidades dos homens em relação à habitação de Deus.

Temos que perguntar agora: O homem respondeu às suas responsabilidades? Infelizmente, a história das eras comprovou que o homem invariavelmente falhou na responsabilidade; quanto mais alto o privilégio maior a responsabilidade, maior a falha. Assim em nada o fracasso do homem tem sido tão completo como com relação à Igreja vista como a casa de Deus na terra.

Para formar uma estimativa verdadeira da extensão desse fracasso, é essencial obter uma visão clara sobre a casa de Deus segundo o plano original de Deus. Durante os dias em que os filhos de Israel estiveram no cativeiro por causa do seu fracasso em manter a santidade da casa de Deus, é dito ao profeta Ezequiel: “Mostra à casa de Israel esta casa, para que se envergonhem das suas iniquidades: sirva-lhe ela de modelo” (Ez 43:10). Somente assim poderiam ser colocados a par de quão grande tinha sido o afastamento deles do modelo.

Como vimos na história de Jacó, a responsabilidade do homem com relação à casa foi mostrada pela “porta” e pela “coluna”. A porta do céu sendo para Deus e expressando o nosso privilégio e responsabilidade de nos aproximar de Deus em oração e louvor; a coluna, com o óleo, sendo para o homem e mostrando a nossa responsabilidade de manter um testemunho verdadeiro de Deus diante dos homens. Falhamos em ambas as direções; não usamos adequadamente a porta do céu, e conseqüentemente não levantamos a nossa coluna. Falhamos na oração e na dependência de Deus, e por isso falhamos no testemunho diante dos homens.

Além disso, deve ser admitido que para que a casa de Deus possa ser uma expressão verdadeira de Deus, deve haver a manutenção das marcas características da casa. Pois todas as características da casa de Deus têm em vista a expressão verdadeira do Próprio Deus. Então a santidade da casa deve ser mantida para que possa haver uma expressão verdadeira de Deus. Então, também, a oração deve ser feita por “todos os homens”, porque isso expressa o desejo de Deus de que todos os homens devam ser salvos. As mulheres devem estar marcadas pela modéstia e “boas obras”, pois nas boas obras há demonstração da bondade de Deus para com o homem. Deste modo, também, a casa deve ser marcada pelo cuidado pelas almas e corpos, para que assim seja visto que Deus tem no coração o bem-estar dos homens.

Finalmente a casa de Deus deve ser marcada pela “piedade” (1Tm 3:14-16). É óbvio que nada a menos que o comportamento piedoso é apropriado para a casa de Deus. Quando vemos que o grande propósito da casa de Deus é de expressar Deus, se tornará claro que a piedade consiste em uma vida que torna Deus manifesto. Por essa razão não é a santidade fingida, nem é simplesmente uma vida amável e benevolente tanto quanto é possível para o homem natural expor. A vida piedosa é uma vida vivida no temor de Deus e por isso uma vida que expressa Deus. O segredo dessa vida está em ter diante de nossa alma o modelo perfeito de piedade como mostrado em Cristo. Assim nos versos finais do terceiro capítulo da primeira carta a Timóteo, o apóstolo dá um resumo notável da vida de Cristo, desde a encarnação até a ascensão, na qual o Espírito de Deus juntou alguns grandes fatos nessa vida que expressa Deus. Deus manifestado em carne, visto pelos anjos, pregado aos



gentios, crido no mundo, recebido em cima de na glória, são todos os fatos que fazem o coração de Deus conhecido para o homem. Assim aprendemos em Cristo o segredo da piedade ou da vida que expressa Deus.

Que expressão maravilhosa de Deus haveria á vista do mundo se a Igreja como a casa de Deus vivo tivesse permanecido verdadeira aos princípios da casa de Deus. O mundo teria visto uma companhia de pessoas marcadas pela santidade, dependência de Deus, sujeição a autoridade, boas obras, e cuidado pelos corpos e almas. Eles teriam visto a demonstração de princípios inteiramente opostos àqueles que prevalecem no mundo caído, e acima de tudo, teriam aprendido a atitude de Deus em relação ao homem. Infelizmente, é evidente que em todos os pontos de vista aqueles que compõem a casa de Deus falharam completamente. Falhamos em manter os grandes princípios da casa de Deus e por isso falhamos em dar uma expressão verdadeira de Deus diante do mundo.

Como esse fracasso foi ocasionado? A história de Israel, e o seu fracasso com relação à casa de Deus em seus dias, podem nos revelar o segredo do nosso próprio fracasso. Ao profeta Ezequiel é ordenado que diga à casa “rebelde” de Israel: “Chamastes estranhos e incircuncisos de coração e incircuncisos de carne, para estarem em Meu santuário, para o profanarem em Minha casa... E não guardastes a ordenança das Minha coisas sagradas; antes vos constituístes, a vós mesmos, guardas das Minha ordenanças no Meu santuário” (Ez 44:6-8). Aqui temos três ordenanças definidas: eles introduziram na casa aqueles que não tiveram nenhuma parte nem sorte na casa; eles falharam em manter a santidade da casa; e eles usaram a casa de Deus para os seus próprios fins – “para eles mesmos”.

Não tem sido essa a triste história da casa de Deus na atual dispensação? No dia de Pentecostes aqueles que formaram a casa de Deus pela descida do Espírito Santo não eram nenhum “estrangeiro”; todos eram verdadeiros filhos de Deus. Não havia “incircunciso de coração” entre os três mil acrescentados à Igreja pelo Senhor. Todos eram crentes verdadeiros. Mas quão cedo o “estrangeiro” foi introduzido. Pelo batismo de Simão o mago, foi introduzido na companhia onde habitava o Espírito de Deus, alguém que não tinha parte alguma nem sorte na questão; outros logo se seguiram, resultando que até durante o dia dos apóstolos a casa de Deus ficou comparada com uma grande casa na qual “não há apenas vasos de ouro e de prata, mas também de madeira e de barro; e alguns para honrar, e alguns para desonrar” (2Tm 2:20). Assim, como com na Israel do passado, a santidade da casa não foi mantida e os homens estão usando a casa de Deus para os seus próprios fins, “ensinando o que não convém, por torpe ganância” (Tt 1:11). A maldade dos dias dos apóstolos foi aumentando através das eras, até que, nesses últimos dias, há uma vasta massa de professos sem vida na casa de Deus marcada pela aparência de piedade sem poder (2Tm 3:1-5).

Qual, então, é o resultado do fracasso do homem na responsabilidade? Assim como no caso de Israel, a maldade que quando trazida à casa de Deus clama em voz alta por juízo. “Porque já é tempo que comece o juízo pela casa de Deus” (1Pe 4:17).

Nos dias de Israel veio o tempo quando o Senhor se recusou a reconhecer o templo como a casa de Deus. Ele teve que dizer: “Eis que vossa casa vai ficar-vos deserta” (Mt 23:38). Todo verdadeiro filho de Deus em relação ao templo foi acrescentado à Igreja, e a casa desolada passou pelo juízo. Mais uma vez, a Igreja como a casa de Deus se tornou corrompida, e logo todo aquele que é de Deus será retirado para encontrar o Senhor nos ares, e a grande massa ímpia de professos, não mais reconhecida como a casa de Deus, passará pelo juízo.

Foi, então, o propósito de Deus de viver entre homens frustrado pelo fracasso do homem na responsabilidade? Certamente que não. Nenhum lapso do tempo, nenhuma

mudança de dispensação, nenhum fracasso do povo de Deus, nenhuma oposição do inimigo, nenhum poder da morte pode por um momento mover o coração de Deus do Seu propósito determinado de ter a Sua casa na terra e habitar entre os homens.

No momento em que um povo remido estava seguro, Deus revela o desejo do Seu coração de habitar no meio deles (ver Ex 15:13, 17; Ex 29: 45). O tabernáculo no deserto e o templo na terra prometida apresentam o testemunho deles da mentalidade caridosa de Deus. E embora o povo falhe e negligencie a casa, embora o templo deles seja destruído e passem para o cativeiro ainda assim nem por um momento Deus abandonará o Seu propósito de habitar no meio do Seu povo. Ele traz de volta um remanescente para reedificar a Sua casa; eles, também, falham completamente e na sua volta são espalhados entre as nações, e mais uma vez a casa é deixada sem pedra sobre pedra. Entretanto, Deus prossegue no Seu glorioso caminho. Levantando-se ante todo o fracasso dos homens, Ele revela segredos novos do Seu coração e traz à luz “a casa de Deus que é a Igreja de Deus vivo, a coluna e firmeza da verdade” (1Tm 3:15). Mas novamente o homem falha na responsabilidade; a casa de Deus fica em ruínas. Ao em vez de ser marcada pela santidade, é comparada com a grande casa de um homem qualquer na qual há vasos para honra e vasos para desonrar. Um pequeno remanescente pode de fato separar-se dos vasos para desonra e procurar voltar às características morais da casa de Deus e andar segundo os princípios que governam a casa de Deus, mas eles, também, falham, e a responsabilidade do homem termina no juízo que começa pela casa de Deus. No entanto, embora tudo falhe nas mãos dos homens, seja a Israel do passado ou a Igreja nos dias de hoje, ainda assim Deus permanece fiel ao Seu propósito, e ali levanta diante de nós a visão de outra casa, em um dia no milênio “a última glória desta casa será maior do que a anterior”.

Contudo, ainda assim esta casa passará, pois a era do milênio glorioso terminará em escuridão e juízo. Mas Deus não desistirá do Seu propósito, pois além do julgamento das nações, e além do julgamento do grande trono branco, é desenrolado diante de nós “um novo céu e uma nova terra” e, naquela formosa cena, vemos “a cidade santa, a nova Jerusalém, que de Deus desce do céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido”, e ouvimos “uma grande voz do céu, que diz: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o Seu povo, e o Próprio Deus estará com eles e será o seu Deus”. Viajamos além dos limites do tempo com todas as suas mudanças e as suas responsabilidades quebradas. Alcançamos a eternidade com o seu novo céu e nova terra; passamos para uma cena onde toda lágrima é enxugada, onde “não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor: porque já as primeiras coisas são passadas” (Ap 21:2-5). E ali vemos o grande propósito de Deus em todas as eras finalmente cumprido, para nunca mais ser estragado pelo poder do inimigo ou pelo fracasso dos santos.

## 8. A Igreja como o Corpo de Cristo (Parte 1)

Nos capítulos anteriores, depois de obtermos uma visão geral da verdade acerca da Igreja, consideramos um aspecto especial dela – a Casa de Deus. Há, contudo, outro aspecto importante no qual a Igreja é apresentada na Escritura, a saber, como o Corpo de Cristo. É isso que agora podemos considerar resumidamente.

Em relação a esse aspecto da Igreja, a linguagem da Escritura é muito precisa. Lemos em Colossenses 1:18, que Cristo “é a Cabeça do Corpo, a Igreja”, e novamente em 1 Coríntios 12:12 e 13, “assim como o Corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros do Corpo sendo muitos, são um só Corpo, assim é Cristo também. Pois todos nós fomos batizados em um Espírito formando um Corpo, quer judeus quer gregos, quer servos quer livres, e todos temos bebido de um Espírito”. Dessa Escritura está claro que todos os crentes são formados em um Corpo pelo Espírito Santo na terra com uma Cabeça no Céu. Vimos que os homens foram iniciados pelo batismo com a água na profissão cristã que forma a Casa de Deus na terra. É claro, contudo, que nenhum batismo por água pode conduzir as pessoas ao Corpo de Cristo. Isto só pode ser efetuado pelo batismo do Espírito Santo. Assim apenas o que é verdadeiro pode ter alguma parte no Corpo de Cristo. Ao pensarmos no Corpo de Cristo, devemos olhar para os cristãos apenas à luz da obra de Deus neles. É verdade que a carne ainda está em nós, mas Deus a condenou, e vendo-nos à parte dela, nos vê “em Cristo” e “no Espírito.” Isto é, Deus sempre vê o Seu povo com relação a Cristo e ao Espírito, e somos privilegiados por nos vermos do mesmo modo. Alguém disse: “É somente nessa luz que podemos falar da qualidade de membro do Corpo; nada encontra de alguma forma lugar no Corpo de Cristo além do que é de Cristo – de Deus. Não há como imaginar tais coisas como fracasso ou carne no Corpo de Cristo”. Aqueles que compõem o Corpo, tendo a carne neles, podem de fato falhar em conseguir andar na correspondência com a verdade, mas no próprio Corpo tudo é de Cristo. É o Seu Corpo.

Há três porções da Escritura que, de um modo especial, apresentam essa grande verdade: Efésios 1 e 2; Colossenses 1 e 3; e 1 Coríntios 12 e 14. Em Efésios o Corpo é apresentado em seu aspecto eterno segundo os conselhos do Pai. Em Colossenses é examinado em seu aspecto temporal como o vaso para a exposição de Cristo. Em 1 Coríntios o Corpo é apresentado como o instrumento para as manifestações do Espírito na terra.

As manifestações do Espírito através do Corpo têm em vista a exibição de Cristo pelo Corpo no tempo; e a exibição de Cristo agora é apenas o prelúdio da aparição posterior de Cristo em Sua plenitude nas eras vindouras segundo os conselhos do Pai.

Primeiro, então, podemos considerar a verdade do Corpo segundo os conselhos do Pai. Em Efésios 1 o grande objetivo é o propósito do Pai para a glória de Cristo. O capítulo revela “o mistério da Sua vontade, segundo o Seu beneplácito, que propusera em Si mesmo, de tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos” (versos 9 e 10). Além disso, nesses conselhos a Igreja tem um lugar do mais alto privilégio em relação à glória de Cristo, e por essa razão nós também somos informados sobre o futuro destino da Igreja como o Corpo de Cristo. Aqui a Igreja é vista, não em relação ao tempo presente, mas em relação à “plenitude de tempos”. Nos é permitido olhar para além do momento presente, com todo o seu fracasso, e ver a glória futura da Igreja como o Corpo de Cristo. Naquele dia “a Igreja que é o Seu Corpo” será “a plenitude Daquele que cumpre tudo em todos” (versos 22 e 23). Segundo o conselho de Deus, o dia está chegando

quando Cristo encherá todas as coisas. Todo o universo será cheio de bênção através de Cristo, mas, naquele dia, será o privilégio especial da Igreja expressar “a plenitude Daquele que cumpre tudo em todos”. Embora tudo seja abençoado por Cristo, e seja a glória de Cristo, ainda assim tudo não expressará a Sua plenitude. Isso será reservado para a Igreja. Um santo individual pode exibir algum traço de Cristo, todas as coisas no mundo vindouro exporão Cristo em grande medida, mas somente na Igreja como o Corpo de Cristo estará a exibição perfeita de Cristo em toda a Sua plenitude. A plenitude transmite o pensado de perfeição. Assim, não será apenas a exibição de Cristo, mas será a exibição em perfeição. Isto é, não apenas toda a excelência de Cristo será vista, mas tudo será visto na proporção correta. Nenhum traço predominará; todos serão exibidos em perfeita proporção e relação de uns com os outros do mesmo modo que os membros de um corpo humano normal estão todos em proporção e expressão da mentalidade da cabeça. Mas o que será de fato verdadeiro então deveria ser moralmente verdadeiro agora.

Isso leva à verdade do Corpo como o vaso para a exibição de Cristo no tempo. Para este aspecto da Igreja como o Corpo de Cristo, devemos então voltar à epístola aos Colossenses. O grande objeto dessa epístola é o de revelar o esplendor de Cristo como o Cabeça. Lemos em Colossenses 1:18: “Ele é a Cabeça do Corpo, da igreja” É, além disso, o desejo de Deus que a glória moral do Cabeça no céu tenha uma exibição presente através do Corpo na terra. Por essa razão o apóstolo, tendo falado do ministério do Evangelho, prossegue para falar de um segundo ministério em relação ao Corpo de Cristo “que é a Igreja” (verso 24). Ele fala dessa verdade como “o mistério que esteve oculto desde todos os séculos, em todas as gerações, e que agora foi manifesto aos Seus santos”. Além disso, ele fala da glória desse mistério como sendo “Cristo em vós, a esperança da glória”.

O apóstolo coloca ênfase especial nesses dois grandes fatos. Primeiro, o determinado momento quando o mistério é revelado, e segundo, a glória especial desse mistério no tempo presente. Esses dois grandes fatos têm ligação direta um com o outro. Por que, podemos perguntar, o mistério é tornado conhecido “agora”, e não antes? Porque três grandes eventos tiveram que vir sem os quais a Igreja não poderia existir de fato ou se tornar conhecida como uma verdade. Cristo tinha que ser exaltado como o Cabeça glorioso no céu, o Espírito Santo tinha que vir à terra, e por fim, Cristo tinha que ser finalmente rejeitado pelos judeus.

Os dois primeiros eventos foram absolutamente necessários antes que a Igreja pudesse ser formada. Deve haver o Cabeça no Céu antes que possa haver Corpo na terra, e o Espírito Santo deve vir para viver nos membros e assim transformá-los em um Corpo na terra com um Cabeça no Céu. Mas o Corpo existia como um fato antes que a verdade fosse tornada conhecida. Por isso o terceiro grande evento foi necessário. Se a verdade de judeus e gentios sendo formados em um Corpo tivesse sido revelada antes de Cristo ser rejeitado, ela teria contrariado todas as promessas expressas de Deus aos judeus sob a primeira aliança. Mas quando os judeus finalmente rejeitaram a Cristo, a primeira aliança chegou definitivamente ao fim, e o caminho está preparado para revelar a verdade da Igreja como o Corpo de Cristo. A rejeição foi final e completa quando Estevão foi apedrejado. Pela cruz o homem tinha rejeitado a Cristo na terra, e pelo martírio de Estevão eles rejeitaram a Cristo no Céu. Eles apedrejaram o homem que testemunhou o fato de que Cristo está no céu. Assim chegou o momento para revelar o grande segredo que, embora o próprio Cristo tenha sido rejeitado, o Seu Corpo está na terra. Preste atenção, não que os pecadores salvos pela graça estarão no Céu – esse é o Evangelho e não há nenhum mistério nele; o ladrão que foi crucificado sabia disso – mas o segredo é agora revelado que Cristo tem a Igreja – o Seu

Corpo – no lugar da Sua rejeição durante o tempo da Sua rejeição. A primeira notificação dessa grande verdade é dada em relação à conversão do homem que foi feito o ministro dessa verdade. O Senhor disse a Saulo: “Saulo, Saulo, por que Me persegues?” Não é: “Por que você persegue os Meus discípulos”, ou “os que me pertencem”, ou “aqueles que são parte de Mim”, mas “Por que ME persegues?” Como alguém disse: “Naquelas poucas palavras está comunicado o fato de que Cristo está aqui”.

Além disso, se Cristo está aqui naqueles que formam o Seu Corpo, é porque Cristo pode ser exibido pelo Seu Corpo. E Cristo exibido na Igreja hoje é “a esperança da glória”. Na glória, como vimos na epístola aos Efésios, Cristo será exibido em Sua plenitude. Mas a esperança da glória deve ter um cumprimento presente. Por essa razão o apóstolo prossegue para mostrar como Cristo nos santos deve resultar na exibição de Cristo pelos santos. Assim o pensamento presente de Deus para o Corpo – composto de todos os santos em qualquer dado momento na terra – é que nisso deve haver o estabelecimento de Cristo moralmente, e assim o Corpo na terra corresponda ao Cabeça no céu.

No segundo capítulo de Colossenses o apóstolo mostra como Deus operou para fazer isto acontecer e nos adverte dos diferentes dispositivos pelos quais o diabo procura frustrar o propósito presente de Deus nos santos. Primeiro somos advertidos contra as opiniões enganadoras dos homens, apresentadas de forma muito atraente pelo discurso persuasivo (verso 4); então a filosofia, ou o amor pela sabedoria humana tirada das tradições dos homens e dos elementos do mundo (verso 8); além disso, somos advertidos contra a religiosidade da carne, ligada a abstinência de certa comida e a observância de certos dias (verso 16); finalmente somos advertidos contra a superstição, como o culto a anjos (verso 18).

Se devemos exibir as belezas morais de Cristo, temos que conhecer a Cristo. Temos que conhecer Aquele cujo caráter devemos expor. As opiniões dos homens, a filosofia do homem, a religião carnal, e as superstições dos homens não nos ensinarão nada do caráter de Cristo nem nos habilitarão a expormos aquele caráter quando conhecido.

Depois que somos advertidos acerca dos laços do inimigo, somos instruídos quanto à provisão que Deus fez para que a perfeição moral do Cabeça possa ser exibida no Corpo. Em conexão com isso quatro grandes verdades são estabelecidas:

Estamos “perfeitos Nele” (verso 10).

Estamos identificados com Ele (versos 11 a 13).

Somos Dele: “o Corpo é de Cristo” (verso 17).

Obtemos toda a nutrição espiritual Dele (verso 19).

1. Estamos “perfeitos Nele”. Nele habita toda a plenitude da Divindade; por isso, tudo o que possivelmente podemos precisar para que possamos conhecer a Cristo e exibir a Cristo é encontrado Nele – estamos completos Nele. Estamos completamente independentes do homem como homem. As suas opiniões, a sua filosofia, e a sua religião não podem nos conduzir a Cristo não podem revelar o Seu caráter, ou nos habilitar a expor as Suas belezas morais.

2. Estamos identificados com Ele. “Na cruz, no sepultamento, na ressurreição, e na vida, Deus identificou o crente com Cristo. Na cruz – anunciada pela circuncisão – Cristo verdadeiramente morreu para tudo o que é da carne; no sepultamento Ele verdadeiramente ficou longe da vista; na ressurreição Ele verdadeiramente ficou para sempre fora do domínio da morte; e como vivificado Ele passou para uma cena de glória em uma vida e condição que é inteiramente ajustada à glória de Deus. Agora o que é realmente verdadeiro para Cristo é verdadeiro para os santos na visão de Deus que nos identifica “com Ele,” e a

fê vê com Deus. Sabemos que a nossa carne foi morta em Cristo; e não foi apenas morta, mas ficou longe da vista, pois fomos “sepultados com Ele no batismo”. Além disso, no espírito fomos ressuscitados com Ele, para que a morte perca o seu poder sobre nós. E embora os nossos corpos mortais ainda não estejam vivificados, quanto às nossas almas, vivemos para Deus naquela vida celestial mostrada em Cristo.

3. Estamos às Suas ordens – “o corpo é de Cristo”. As ordenanças da lei foram apenas sombras e foram dadas ao primeiro homem que é da terra, terreno. Mas as coisas vindouras, das quais as ordenanças eram apenas a sombra, são de Cristo, o Homem celestial. E se Cristo é celestial, o Corpo que é de Cristo também é celestial. “Qual o celestial, tais também os celestiais”. Por enquanto estamos na terra, mas somos do Homem celestial, e por essa razão pertencemos ao céu.

4. Conseguimos toda a nutrição do Cabeça. Se a Igreja é celestial, só pode ser nutrida pelo céu. Não há nada da terra que possa servir ao homem do céu. Não há nada do homem como tal que possa servir de nutrição para o Corpo, ligar os membros juntos, ou conduzir ao incremento espiritual. Tudo deve vir do Cabeça no céu, ministrado ao Corpo pelas juntas e ligaduras do Corpo. Como o Cabeça no céu é para a nutrição do Corpo na terra, assim o Corpo na terra é para a exibição do Cabeça no céu. Por não mantermos o Cabeça, podemos falhar em mostrar o Cabeça, mas Cristo – o Cabeça – nunca falhará em nutrir o Seu Corpo; Ele tem cuidado com o Corpo e com cada membro do Corpo.

Esses quatro grandes fatos – de que somos “completos Nele”, de que estamos identificados “com Ele”, somos Dele, e conseguimos toda a nutrição Dele – todos eles nos levam ao cumprimento do propósito presente de Deus para o Corpo, a saber, a demonstração do caráter do Cabeça no Corpo. Isso é visto de um modo prático nas exortações seguintes.

Baseado no que é da Igreja nos dois primeiros capítulos, somos exortados a nos “revestirmos pois, como eleitos de Deus, santos, e amados, de entranhas de misericórdia, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade; suportando-vos uns aos outros, e perdoando-vos uns aos outros, se algum tiver queixa contra outro; assim como Cristo vos perdoou, assim fazei vós também. E sobre tudo isto, revesti-vos de amor, que é o vínculo da perfeição. E a paz de Deus, para a qual também fostes chamados em um corpo, domine em vossos corações, e sede agradecidos” (Colossenses 3:12-15). Esse é o caráter amoroso de Cristo, marcado pela graça com o seu perdão ilimitado, pelo amor que agrega todas as outras perfeições juntas, e pela paz governando o coração, as quais os santos, na unidade de “um Corpo”, são chamados para exibir enquanto ainda na cena da ausência de Cristo e esperando pelo dia da Sua aparição.

Que bela apresentação de Cristo seria se os santos, como “um Corpo”, fossem marcados pela graça, pelo amor e pela paz. Embora em um dia de ruína em nossas práticas que estão distantes deste belo quadro, não abaxemos o padrão. Alguém verdadeiramente disse: “Mesmo se a prática não puder chegar a isso, e mesmo se for impossível conduzir os santos ao verdadeiro padrão, vamos ter a idéia correta. É uma grande coisa ter a idéia correta; mas então se a temos, vamos esperar que o Senhor dê graça para andar segundo a idéia correta, em sua verdade, muito embora você não possa esperar ver as coisas restauradas ao que elas foram quando primeiramente estabelecidas”.

## **9. A Igreja como o Corpo de Cristo (Parte 2)**

### **1 Coríntios 12**

Vimos que a Igreja, como o Corpo de Cristo, é visto na Escritura de um modo triplo. Primeiro, na Epístola aos Efésios, com relação aos conselhos do Pai; em segundo lugar, na Epístola ao Colossenses, como o vaso da exposição de Cristo; em terceiro lugar, em 1 Coríntios 12, como o instrumento das manifestações do Espírito.

No último capítulo examinamos o Corpo nos dois primeiros aspectos. Resta então ver resumidamente o Corpo com relação às manifestações do Espírito trazidas para diante de nós em 1 Coríntios 12. O objetivo, contudo, desse capítulo não é o Corpo, mas o Espírito. O Corpo é apresentado como o instrumento que o Espírito usa para a exposição de Cristo.

A ruína da cristandade foi basicamente ocasionada pela perda de todo o sentido da presença e do poder do Espírito Santo. O clericalismo, a organização humana, e a adoção de métodos carnais deixaram de lado o Espírito Santo. Por isso, a grande importância deste capítulo consiste em que ele sustenta os direitos do Espírito Santo na assembléia e extrai instrução quanto ao verdadeiro caráter das manifestações espirituais.

Dando uma rápida olhada no capítulo, primeiro notamos nos versos 2 e 3 o objetivo das manifestações espirituais. A grande finalidade que o Espírito Santo sempre tem em vista, qualquer forma que as manifestações tomem elas devem exaltar a Cristo. Ele sempre leva à confissão de Jesus como o Senhor. Admitindo isso, somos uma vez capazes de testar o espírito pelo qual os homens falam. Não é uma questão de distinguir entre um crente e um incrédulo, mas de testar o espírito pelo qual os homens falam. É pelo espírito maligno, ou é pelo Espírito de Deus? Se alguém está falando por um espírito maligno, por mais que o locutor seja instruído, por mais eloqüente que seja o discurso, por mais aparentemente moral que seja o tom, de uma forma ou de outra, Cristo será infamado. Se alguém estiver falando pelo Espírito Santo, por mais simples que seja o discurso ou indulto o locutor, Cristo será exaltado. Aplique este teste aos Unitários, aos Criticistas, ou Modernistas, e então eles serão expostos, pois de maneiras diferentes todos se unem para roubar a Cristo de Sua glória.

Mas embora todos que falem pelo Espírito Santo exaltem a Cristo, isso não quer dizer que todos têm o mesmo dom. Isso leva o apóstolo nos versos 4 a 6 a falar da diversidade dos dons espirituais. O apóstolo nos diz que há diversidades de dons; ao mesmo tempo somos lembrados de que a diversidade de dons não sacrifica a unidade do alvo. Já que a diversidade de dons é controlada pelo mesmo Espírito, e assim todos conduzem à exaltação e a expressão de Cristo (verso 4).

Além disso, os diferentes dons usados pelo Espírito têm em vista formas diferentes de serviços sob o controle de um Senhor que dirige o serviço (verso 5).

Ainda mais, o uso dos dons nos diferentes serviços produzirá efeitos diferentes em operações sobre as almas, mas é o mesmo Deus que opera tudo o que é operado em todos (verso 6).

Esses versos (4-6) repreendem, e ao mesmo tempo corrigem a maior parte da grave desordem na cristandade. Pois o uso do dom na habilidade humana, na sabedoria humana, e no treinamento teológico da cristandade é exigido como uma necessidade preliminar. Não, diz o apóstolo, vocês necessitam daquilo que nenhuma escola de homens pode dar e nenhuma obtenção humana pode suprir – vocês necessitam do poder e da energia do Espírito Santo.

O mundo religioso exige que você seja ordenado por homens e tenha a autorização do homem antes de ministrar a outros. Não, diz o apóstolo, o serviço segundo Deus necessita da autoridade e direção do Senhor e não aturará nenhuma autoridade rival.

Mais uma vez temos tendência de pensar que através da eloquência e da apelação comovente se produzirá uma impressão nas almas dos homens. Não, diz o apóstolo, é “Deus que opera tudo em todos”. Deus opera tudo o que é divino em todos aqueles nos quais há uma obra vital.

Tendo falado de diversidades de dons, o apóstolo nos versos 7 a 11, passa a falar da distribuição das manifestações espirituais. É importante notar que não é dito apenas que os dons são dados, mas que as manifestações dos dons são dadas. Isto é, o apóstolo está falando primeiramente do uso dos dons. Por essa razão não é apenas a “sabedoria”, mas “a palavra da sabedoria”; não apenas a “ciência”, mas “a palavra da ciência”; não são apenas as “maravilhas”, mas “a operação de maravilhas”. Quatro verdades importantes são impostas. Primeira: qualquer que seja o caráter das manifestações e como quer que seja distribuído, tudo flui do mesmo Espírito (versos 8, 9, 10). Assim a unidade é mantida.

Segunda: o Espírito distribui as manifestações dos dons a “cada um” (versos 7, 11). Ele recusa concentrar inteiramente todas as Suas manifestações em um homem ou em uma determinada classe de homens. Isso reprova aquilo que é a maior de todas as desordens na cristandade – a colocação à parte de uma classe especial de homens para o ministério e assim dividindo o povo professo de Deus em clero e leigo. A Escritura não admite nenhuma tal distinção. A cristandade em sua prática contradiz a ordem de Deus e diz que as manifestações do Espírito são dadas a um homem que preside sobre a assembléia. Não, diz o apóstolo, é a cada homem na assembléia.

Terceira: a manifestação do Espírito é dada a cada homem “para o que for útil”. É dada em vista do bem comum. Não é dada para a exaltação ou a proeminência do indivíduo, para obter a influência pessoal ou o lucro, ou como um meio de sustento. É dado para o que for útil – utilidade espiritual.

Quarta: o Espírito distribui a manifestação a cada homem separadamente “como quer” (verso 11). Isto exclui a vontade do homem. Então devemos deixar espaço para o Espírito operar segundo a Sua vontade. Se apontarmos o ministério ou arranjarmos o ministério, estaremos pondo restrições sobre a Sua vontade pelo emprego das nossas vontades, e assim impedindo que o Espírito Santo use quem Ele quiser.

Tendo falado da distribuição dos dons, e mostrado que a “operação dos dons é pelo Espírito”, o apóstolo passa a falar, nos versos 12 a 27, do instrumento para as manifestações espirituais. Isso introduz o Corpo de Cristo. É bom observar que o Corpo só é de fato mencionado nos versos 13 e 27. Em todos os outros versos o apóstolo está falando do corpo humano como uma ilustração. À parte desta grande verdade não pode haver nenhum uso engenhoso do dom. Pois, segundo a ordem de Deus, o Espírito não nos usa como indivíduos isolados, mas como os membros do Corpo de Cristo, e para o bem de todo o Corpo. Usando o corpo humano como uma ilustração, o apóstolo mostra que assim como o corpo humano é um e por isso composto de muitos membros, cada um tem um lugar e função especiais no corpo, “assim também é Cristo”. Esse é um modo notável de apresentar a verdade. O objeto é o um Corpo, mas o apóstolo não diz: “assim também é o Corpo de Cristo”, mas “assim também é Cristo”, porque o um Corpo é visto sob o olhar de Deus como a expressão de Cristo. Esse Corpo foi formado pelo batismo do Espírito Santo, e realmente tem sido dito que o batismo do Espírito não foi destinado para nos levar para o céu, mas para que pudesse haver um Corpo na terra que devesse ser moralmente uma reprodução de Cristo. Para



entrarmos no verdadeiro significado do um Corpo, devemos nos lembrar de dois fatos. Primeiro: que Cristo pessoalmente está ausente no mundo; segundo: que o Espírito Santo está presente no mundo. Durante o tempo da ausência de Cristo, os crentes judeus e gentios foram juntados em um Corpo, pelo Espírito Santo, para que Cristo caracteristicamente possa ser reproduzido em Seu Corpo – para que tudo o que Ele fez em perfeição no Seu corpo quando estava aqui – pastoreando, ensinando, pregando e abençoando – possa continuar em Seu Corpo espiritual agora que Ele se foi.

Esse batismo do Espírito Santo aconteceu em relação aos crentes judeus no Pentecostes (ver Atos 1:5; Atos 2:1-4); e em relação aos crentes gentios no pedido de Cornélio e seus amigos (Atos 10:44; Atos 11:15-17). O batismo do Espírito implica em colocar à parte tudo o que é após a carne. As distinções naturais, como judeu ou gentio, e as posições sociais, tais como servo ou livre, não têm nenhum lugar no um Corpo. Não podemos pensar em nós como sendo judeu ou gentio, ou segundo qualquer outra distinção carnal, pois “em um Espírito somos batizamos em um Corpo”. Todos formando o um Corpo têm “bebido de um Espírito”. Desfrutamos das mesmas bênçãos e privilégios, pois esse desfrute provém de uma fonte – o Espírito Santo.

Aqui o apóstolo usa novamente o corpo humano para reforçar certas verdades práticas com relação às manifestações espirituais em um Corpo. Primeira: ele afirma que no Corpo há diversidade em unidade (versos 14-19). “O Corpo não é um só membro, mas muitos”; isto é, embora haja um corpo há muitos membros. Mas essa diversidade seria inteiramente perdida, e se seguiria a mais grave desordem, se cada membro negligenciasse a sua própria função por causa da inveja dos membros que talvez tenham uma função mais elevada. Se o pé começasse a se queixar por não ser uma mão e o ouvido se queixasse por não ser um olho, o funcionamento do corpo cessaria, pois os membros que se queixam deixam de funcionar eficazmente para o bem do corpo. Como então é prevenida a desordem entre os muitos membros? Pelo reconhecimento de que é Deus que “colocou os membros no Corpo, cada um deles como quis”. Assim no Corpo de Cristo é Deus que deu a cada um o seu lugar e função marcados, com a consequência de que nenhum membro é preeminente. A preeminência de um membro mataria o Corpo completamente. “Se todos fossem um só membro onde estaria o Corpo?”

Além disso, o apóstolo usa o outro lado da verdade. Há unidade em diversidade (versos 20-24). Se houver muitos membros, devemos nos lembrar que há somente um Corpo. Mas a unidade do Corpo seria posta em perigo se os membros mais elevados tivessem que olhar com desdém para os mais baixos. Vimos que a inveja um do outro quebraria a diversidade; agora aprendemos que o desdém quebraria a unidade. Se o olho trata a mão com desprezo, e a cabeça escarnecesse dos pés, toda a unidade do corpo se iria. O que se opõem a esse perigo? Novamente o reconhecimento da própria obra de Deus. Deus temperou o Corpo conjuntamente de tal maneira que nenhum membro pode fazer sem o outro. O membro mais elevado requer o menor – não, muito mais aqueles membros do Corpo que parecem ser mais fracos são necessários. Não é simplesmente que todos trabalham para o bem comum, mas que nenhum membro pode executar apropriadamente as suas funções sem os outros membros – em uma palavra, cada membro é indispensável.

Há assim dois perigos graves que podem trazer a desordem para o Corpo. Um é o descontentamento da parte dos membros menos proeminentes com o lugar concedido a eles; o outro é o desdém da parte dos membros mais proeminentes para com aqueles que parecem ser mais fracos. Um quebra a diversidade, o outro destrói a unidade; ambos destroem as funções apropriadas do Corpo. Faça Deus entrar, e em cada caso a desordem é resolvida. É

Deus que deu a cada membro o seu trabalho especial, e Deus temperou tanto conjuntamente os membros do Corpo que nenhum membro é preeminente e cada membro é indispensável.

O resultado da obra e sabedoria de Deus é que os membros do corpo humano têm “igual cuidado uns dos outros” (verso 25). Não simplesmente que eles “cuidam um do outro”, mas que têm um interesse mútuo um pelo outro, para que se “um membro padece, todos os membros padecem com ele; e se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele”. O apóstolo não diz que isto deve ser assim, mas que é assim. Na aplicação ao Corpo de Cristo a expressão dessa verdade é muito impedida pelo sectarismo e pelas barreiras denominacionais que foram estabelecidas pelo homem; mas a verdade permanece de que o que afeta um membro afeta todos os membros porque os membros estão unidos um ao outro pelo Espírito Santo, e aquele que depende do Espírito suporta, por mais que o nosso fracasso possa impedir a sua expressão. A condição arruinada do povo de Deus diminuiu a nossa sensibilidade espiritual; mas quanto mais somos controlados pelo Espírito, mais profunda será a nossa compreensão dessa verdade. Como alguém disse: “Conscientemente sofremos ou nos alegramos na medida da nossa capacitação espiritual”.

O apóstolo esteve falando do corpo humano como o exemplo do Corpo de Cristo. Agora ele dá a essas verdades uma aplicação local. Ele diz aos santos coríntios: “Ora vós sois Corpo de Cristo, e seus membros em particular”. Ele não diz: “Vós sois o Corpo de Cristo”, como a tradução autorizada diz. A assembléia dos coríntios não era “todo o Corpo de Cristo”, mas eles eram a expressão local do um Corpo. Assim é o privilégio e a responsabilidade da assembléia local. Eles são “Corpo de Cristo,” não independentemente – o que negaria a verdade do um Corpo – mas representativamente, o que mantém a verdade.

Hoje dificilmente podemos dizer de qualquer companhia local de santos: “Ora vós sois Corpo de Cristo”, pois nenhuma companhia local inclui todos os santos em certa localidade: e mesmo que isso fosse assim, assumir ser o Corpo de Cristo em um lugar seria mera pretensão. No começo, a assembléia local representava o que era visivelmente verdadeiro do todo. Hoje, a igreja está em ruína, e qualquer companhia que assume ser o Corpo de Cristo está pretendendo expressar algo que não é verdadeiro na igreja professa. Isso seria mera independência. Infelizmente, na verdade, várias comunidades são localmente apenas a expressão das suas respectivas denominações. Contudo, ainda é nossa responsabilidade recusar a ir em frente com qualquer coisa que negue essa grande verdade e nosso privilégio e benção andar na luz dela.

## **10. A Igreja em um Dia de Ruína**

### **2 Timóteo 2**

No capítulo anterior procuramos apresentar a mente de Deus quanto à Sua Casa. Também vimos que, através do fracasso do homem na responsabilidade, as doutrinas más e os homens maus foram trazidos para a Casa de Deus, reduzindo a Casa a uma ruína e expondo-a ao juízo.

Foi citado que enquanto a primeira epístola a Timóteo apresenta a Casa de Deus em ordem de acordo com a mente de Deus, a segunda Epístola apresenta a Casa quando se tornou arruinada pelo fracasso do homem, e, em sua ruína, semelhante a “uma grande casa” na qual “não há somente vasos de ouro e de prata, mas também de madeira e de barro; uns para honra, e uns para desonra” (2 Tm 2:20). O crente que uma vez viu a verdade da assembléia como a Casa de Deus como revelado na Escritura, pode muito bem dizer: “não vejo nada na terra que corresponda à verdade”. Quão lamentável que isso seja verdade! Em um dia de ruína a verdade da Casa de Deus somente pode ser conhecida de um modo abstrato, não havendo mais qualquer expressão concreta da verdade. Tudo o que pode ser de fato visto na cristandade é “uma grande Casa” contendo vasos para honra e vasos para desonra. Isso levanta outras perguntas na mente do crente que deseja andar na obediência a Deus: A Palavra de Deus dá alguma direção ao povo de Deus em um dia da ruína? Há ali alguma luz quanto a como devemos caminhar e com quem devemos andar em um dia quando a cristandade se tornou corrupta? Por maiores que sejam as dificuldades ou quanto mais escuro o dia, não é possível pensar que Deus alguma vez deixa o Seu povo sem luz suficiente para o seu caminhar nesse mundo. Por causa da falta de espiritualidade podemos não conseguir discernir a luz; por causa da falta de dedicação podemos não conseguir andar segundo a luz, ou por causa da completa apatia podemos estar inteiramente indiferentes a isso; no entanto podemos estar seguros de que a Palavra o percebe, Deus prove toda a luz para o nosso caminho.

Há três fatos de primeira importância para que nossa alma compreenda, se desejarmos caminhar neste mundo segundo a mente de Deus.

Primeiro, temos de aprender que, conquanto grande seja a nossa inteligência natural, conquanto altamente a mente possa ter sido treinada, conquanto grande seja o nosso conhecimento da Escritura, conquanto sinceros sejam os nossos desejos, não podemos, se confiamos em nossas próprias mentes, encontrar o caminho de Deus para o Seu povo em meio a confusão da cristandade. Não somos competentes para encontrar o nosso caminho em meio às dificuldades crescentes do caminho, para enfrentar a oposição contínua à verdade, ou resolver as várias questões que surgem constantemente.

Mas, em segundo lugar, tendo descoberto a nossa completa incompetência, somos muito grandemente ajudados a aprender que não devemos encontrar o nosso caminho como melhor pudermos e que Deus nunca esperou que tivéssemos alguma sabedoria ou competência em nós mesmos para andar segundo a Sua mente. O Senhor pode dizer: “Sem Mim nada podeis fazer”.

Terceiro, é um dia muito grandioso quando descobrimos a rica provisão que Deus fez para que pudéssemos ser instruídos em Sua mente. Primeiro, temos um Cabeça no céu – Cristo na glória é o Cabeça do Seu Corpo, a Igreja – e toda a sabedoria está no Cabeça, para que embora não tenhamos nenhuma sabedoria em nós mesmos, temos a plena sabedoria em Cristo. Alguém com verdade disse: “Cristo é feito sabedoria, isto é inteligência. Somente Ele pode liderar homens através da perplexidade deste mundo de confusão moral, onde não há

nenhum caminho”. É então de proeminente importância abandonar a nossa própria “cabeça” e olhar para Cristo como “o Cabeça” para nos guiar. Se confiarmos em nossa própria cabeça, não estaremos “mantendo o Cabeça” (Cl 2: 19).

Em segundo lugar, o Espírito – uma Pessoa Divina – está na terra. O Senhor sabia muito bem que o Seu povo não seria capaz de subsistir por si mesmo em um mundo do qual Ele está ausente; por essa razão antes que partisse, pode dizer: “E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre; o Espírito de verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco, e estará em vós” (Jo 14:16-17). A preservação e a manutenção da verdade não dependem dos santos, mas da presença permanente do Espírito da Verdade.

Terceiro, temos as Sagradas Escrituras dadas pela inspiração de Deus e proveitosa para ensinar, para reprovar, para corrigir, para instruir na justiça: para que o homem de Deus possa ser completo, completamente provido para toda boa obra (2 Tm 3:16-17). Lemos que “a Casa de Deus que é a assembléia do Deus vivo” é “a coluna e firmeza da verdade”; mas, quando a Casa de Deus ficou em ruína, e não temos mais a verdade vividamente anunciada na Igreja, o homem de Deus ainda tem a autoridade infalível da Escritura pela qual comprova todas as coisas. Agora deve ser manifesto que nenhuma ruína na cristandade pode por um momento alterar Cristo, ou o Espírito, ou a Escritura. Cristo permanece o Cabeça no Céu, com um armazém ilimitado de sabedoria para que o Seu povo possa sacar dele, tanto nesses últimos dias quanto durante os primeiros dias do cristianismo. O Espírito Santo permanece com poder não diminuído para guiar e controlar. A Escritura Sagrada permanece com autoridade absoluta.

Contudo a cristandade amplamente deixou de lado a Cristo, o Espírito, e as Escrituras. Os grandes sistemas religiosos dos homens de fato conservaram o nome de Cristo, mas deixaram de lado a Cristo como o Cabeça no Céu por apontar cabeças terrenas. Roma tem o seu Papa; a Igreja Grega, o seu Patriarca; as Igrejas Protestantes, os seus Reis, Arcebispos, Presidentes ou Moderadores. Então nesses grandes sistemas há pouco deixado para o Espírito. O maquinário religioso e os dispositivos carnais dos homens basicamente excluem o Espírito. E, por fim, os homens fizeram o ataque mais mortal contra as Escrituras, até que dificilmente exista uma seita na cristandade que defenda com algum grau de unanimidade que “toda a Escritura é dada pela inspiração de Deus”.

Se, então, desejamos dar a Cristo Seu lugar como o Cabeça da Igreja, possuir e nos submeter ao controle do Espírito Santo e implicitamente nos curvar à Escritura, o que devemos fazer? A Escritura muito definitivamente responde que devemos manter e atuar sobre dois grandes princípios. Primeiro, a separação de tudo o que é contrário a verdade de Deus – tudo o que é uma negação da verdade da Igreja, de Cristo como o Cabeça da Sua Igreja, do Espírito Santo como o nosso guia todo suficiente, e a Escritura como a nossa autoridade absoluta. Então, depois que nos separamos do mal, a Escritura insiste em outro princípio igualmente importante – a associação com tudo o que é de acordo com Deus. Em uma palavra, devemos “Deixar de fazer o mal; aprender a fazer o bem”.

Primeiro, então, vamos procurar aprender o que a Escritura tem a dizer quanto à separação do mal. Todos admitiriam, muito embora possam não corresponder na prática, que a separação deste mundo mal sempre esteve incumbida ao povo de Deus, mas em um dia em que a cristandade se tornou corrupta, temos instruções especiais para uma separação tripla. Primeiro, a separação de todo sistema religioso que pela sua constituição é uma negação da verdade de Cristo e a Igreja. A palavra em Hebreus 13:13, é muito claro: “Saíamos, pois, a Ele fora do arraial, levando o Seu vitupério”. O arraial era o sistema religioso judaico

originalmente estabelecido por Deus e que apela para o homem natural. Nele nenhuma questão de novo nascimento foi levantada; tudo dependia do nascimento natural. Era composto de pessoas exteriormente relacionadas com Deus, com uma ordem terrena de sacerdotes que estavam entre o povo e Deus. Tinha um santuário terreno e um ritual ordenado (Hb 9:1-10). É também manifesto que os sistemas religiosos da cristandade foram formados segundo o modelo do arraial. Eles são basicamente compostos de homens não convertidos; eles, também, fazem um apelo definido ao homem natural; eles, também, têm os seus santuários mundanos, o seu ritual, e os seus sacerdotes humanamente ordenados que estão entre o povo e Deus. Mas na imitação do arraial, os cristãos, como vimos, deixaram de lado a Cristo como o Cabeça, o Espírito Santo como o Guia, e a Escritura como a autoridade. Se, então, dermos a Cristo o Seu verdadeiro lugar devemos, em obediência à Palavra: “Sair, pois, a Ele fora do arraial, levando o Seu vitupério”.

Mas, em segundo lugar, a separação da ordem das coisas do arraial como estabelecido nesses sistemas religiosos não é o suficiente. A Escritura também claramente manda a separação da má doutrina. Em 2 Timóteo 2:19, lemos: “Qualquer que profere o nome de Cristo aparte-se da iniquidade”. Todo aquele que confessa o nome do Senhor é, pela confissão, identificado com o Senhor e é responsável por se apartar da iniquidade. A iniquidade pode tomar muitas formas, mas os versos precedentes claramente mostram que as más doutrinas estão especialmente em vista. Não devemos ligar a iniquidade com o nome do Senhor. Pode nos custar muito tempo nos separar da iniquidade, mas nos custará muito mais na eternidade ter ligado o nome do Senhor com a iniquidade.

Terceiro, a mesma Escritura exige a separação das más pessoas. O verso 20 fala de vasos para honra e vasos para desonra, e no verso seguinte somos mandados a nos purificar dos vasos para desonra para sermos santificados e estarmos aptos para o uso do Mestre. Aqui está claro que estão em vista as pessoas, não simplesmente as doutrinas. Tem sido realmente observado que: “É sempre em proporção à sua separação desses vasos (pessoas), não simplesmente às suas doutrinas, que você é santificado e preparado para o uso do Mestre.... Poucos têm idéia de como alguém sofre por causa da associação não santificada. Não é suficiente não manter as doutrinas dessas pessoas; mas a associação com elas contamina. Você é caracterizado pela associação mais baixa que mantém. Todo esforço foi tentado na cristandade para enfraquecer a força dessa passagem; cada um é grande em proporção à sua separação”.

Por isso está claro que a Escritura abertamente ordena a separação dos sistemas religiosos que são uma negação da verdade, por causa das falsas doutrinas que minam a verdade, e por causa dos vasos (pessoas) para desonra as quais não praticam a verdade.

Isso, contudo, não é o suficiente. A separação, contudo necessária, é só negativa; deve haver também aquilo que é positivo. Isso nos conduz ao segundo grande princípio, a associação com o bem. Assim como a separação deve ser tanto das coisas más como das más pessoas, assim, também, a associação deve ser tanto com as coisas que estão certas como com as pessoas que estão certas com o Senhor. Devemos seguir “a justiça, a fé, o amor, a paz, com os que com um coração puro, invocam o Senhor” (2 Tm 2:22). A justiça necessariamente está em primeiro lugar. Qualquer que seja a confissão que um homem possa fazer, se não houver a manutenção da justiça prática, não pode haver um caminhar segundo Deus. Mas a justiça não é suficiente: o mero certo ou errado não é suficiente para determinar o caminho do cristão. Ele de fato deve fazer o certo, mas para tomar o caminho do Senhor a fé é necessária. Por isso, com justiça a “fé” deve ser seguida. Mas a justiça e a fé abrem o caminho para o “amor”. Se o amor não for guardado pela justiça e fé, degenerará em mera

afeição humana e será usado como um argumento para a permissão da frouxidão e a tolerância da maldade. Então essas três qualidades levam à “paz”. Não uma paz desonrosa que é apenas um compromisso com o mal, a incredulidade e o ódio; mas uma paz honorável que é o resultado da justiça, da fé e do amor. Mas se seguirmos essas belas qualidades, encontraremos outros que estão fazendo o mesmo – aqueles que invocam o Senhor com um coração puro – e com tais devemos nos associar. O fato de que eles invocam o Senhor com um coração puro pode ser claramente discernido pelas suas vidas práticas, já que pode ser visto que “se apartaram da iniquidade,” se purificaram dos vasos para desonra, e seguiram “a justiça, a fé, o amor e a paz”. É, portanto, claro que o caminho da separação não é um caminho de isolamento. A Escritura mostra que sempre haverá aqueles com os quais podemos nos associar.

Contudo, aqueles que, no meio da corrupção da cristandade, tomam este caminho da separação do mal e da associação com o bem, terão levantados contra eles “questões loucas e sem instrução” por aqueles que se opõem a um caminho que eles não têm fé para tomar. Para encontrar tal caminho será necessário cultivar um espírito de “bondade”, “paciência” e “brandura”. Somente quando vestirmos esse caráter será possível evitar a contenda procurando instruir (2 Tm 2:23-26).

É notável que nessa Escritura que dá tal instrução definida para o povo de Deus em um dia de ruína, não sugere nenhuma vez que devemos sair da Casa de Deus. Na verdade, fazer isso é impossível sem sair da cristandade, o que implicaria deixar completamente o mundo. Mas enquanto não podemos sair da Casa, somos responsáveis por nos separar do mal na Casa. Novamente, não nos é dito para reconstruir algo. Não nos é dito para reedificar a Casa. Não somos chamados para formar uma Igreja modelo ou começar algo novo. Devemos simplesmente andar na luz daquilo que foi no princípio e que ainda existe sob o olho de Deus apesar de todo o fracasso na responsabilidade do homem. Isto é, ainda é o nosso privilégio e responsabilidade caminhar na verdade da Igreja, no reconhecimento de Cristo como o Cabeça, sob o controle e a orientação do Espírito Santo, e segundo as instruções da Escritura.